

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO  
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA – MACAPÁ/AMAPÁ**

**A MOTIVAÇÃO COMO FATOR INTERFERENTE  
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA – UM RECORTE  
DO NORTE DO AMAPÁ**

**Eliel Cleberson da Silva Nery**

**MACAPÁ, AMAPÁ**

**2012**

# **A MOTIVAÇÃO COMO FATOR INTERFERENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA – UM RECORTE DO NORTE DO AMAPÁ**

**ELIEL CLEBERSON DA SILVA NERY**

Trabalho Monográfico apresentado  
como requisito final para obtenção  
de título de licenciado em Educação  
Física pelo Programa Pró-  
Licenciatura da Universidade de  
Brasília – Pólo Unifap/Macapá -  
Amapá

**ORIENTADORA: KÉTSIA ROSANA VAZ**

Ao meu Deus, por ter me agraciado a cada dia com saúde e prudência. Aos meus pais que sempre acreditaram que o conhecimento muda as pessoas. Aos meus professores e orientadores pela paciência e motivação. À minha esposa linda que sempre me deu força e jamais reclamou de minha ausência na cama nas horas mais difíceis dos estudos - *obrigado amor, pelo cafezinho pontual!* À minha filha razão de todo esforço. Á BR-156 por tornar mais doce essa conquista.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO FÍSICA E A CONSTRUÇÃO DA CULTURA CORPORAL.....</b>	<b>11</b>
1.1 – A motivação como fator interferente nas aulas de Educação Física. 15	
1.2 – Teoria da Motivação: a abordagem de Maslow .....	21
1.3 – Fatores que interferem na motivação na Educação Física Escolar ..	24
<b>CAPÍTULO II – RELATÓRIO DA COLETA DE DADOS DA PESQUISA DE CAMPO.....</b>	<b>27</b>
2.1 – Metodologia da Pesquisa.....	29
2.2 – Amostra da Pesquisa de Campo .....	29
2.3 – A observação em campo .....	31
2.4– Do questionário aplicado .....	34
2.5 – As aulas de Educação Física na instituição .....	36
2.6 – O lócus da pesquisa .....	36
2.7 – O tratamento das informações levantadas .....	37
2.8 – Resultados do questionário .....	39
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS .....</b>	<b>43</b>
3.1 – As observações .....	56
<b>IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>V – REFERENCIAS .....</b>	<b>64</b>
<b>VI – ANEXOS.....</b>	<b>66</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 01</b> – Identificação dos blocos e itens de questões relativas à Motivação Extrínseca .....	37
<b>TABELA 02</b> - Identificação dos blocos e itens de questões relativas à Motivação Intrínseca .....	38
<b>TABELA 03</b> – Resultado das questões relativas ao Bloco A .....	39
<b>TABELA 04</b> – Resultado das questões relativas ao Bloco B .....	40
<b>TABELA 05</b> – Resultado das questões relativas ao Bloco C .....	41
<b>TABELA 06</b> – Resultado das questões relativas ao Bloco D .....	41
<b>TABELA 07</b> Resultado das questões relativas ao Bloco E .....	42
<b>TABELA 08</b> - Resultado das questões relativas ao Bloco F .....	42

## LISTA DE FIGURAS

I - <b>FIGURA 01</b> – Pirâmide de Maslow .....	22
II - <b>GRÁFICO 01</b> – Motivação Extrínseca – Comparativo de respostas das turmas em % - Questão A .....	43
III - <b>GRÁFICO 02</b> – Motivação Intrínseca – Comparativo de respostas das turmas em % - Questão B .....	45
IV – <b>GRÁFICO 03</b> – Comparativo entre as respostas das turmas ao questionamento C .....	47
V - <b>GRÁFICO 04</b> – Comparativo entre as respostas das turmas ao questionamento D .....	51
VI - <b>GRÁFICO 05</b> – Comparativo entre as respostas das turmas ao questionamento E .....	52
VII- <b>GRÁFICO 06</b> – Comparativo entre as respostas das turmas ao questionamento F .....	53

## RESUMO

O presente trabalho está relacionado a um estudo de campo realizado em uma realidade norte-amapaense com intuito de analisar os fatores que interferem na motivação dos alunos para a prática da educação física. A motivação, objeto desta produção descreve um estado de disposição para a ação decorrente de fatores externos e de fatores internos ao indivíduo e contribui para a reflexão em torno da educação física escolar visando tornar os conteúdos da cultura corporal acessíveis a todos os indivíduos da escola (as meninas, os gordinhos, as minorias, etc.). Para tanto a coleta de dados foi realizada a partir de observações e da aplicação de um questionário com questões fechadas. Algumas pesquisas como as realizadas por MARTINEK (2004) e KOBAL (1996) também foram relevantes nessa produção e trouxeram informações importantes para o trabalho. Nesse sentido a pesquisa desvelou que entre os fatores extrínsecos que mais interferem na motivação dos alunos pesquisados são a obrigatoriedade da disciplina no currículo, a avaliação do professor e dos alunos quanto ao desempenho, quando o grupo é acolhedor. Intrinsecamente, os alunos são motivados pela aprendizagem de novos conteúdos e habilidades e principalmente quando tem a oportunidade de atuar (jogar, participar, etc.) no contexto da aula.

**Palavras-chave:** Motivação, intrínseco, extrínseco, educação física, democratização.

## INTRODUÇÃO

A Educação Física Escolar reconhecidamente tem sido muito debatida nos dias atuais em virtude de sua contribuição para o desenvolvimento dos indivíduos e defendida nos meios acadêmicos por profissionais de variadas áreas. Apesar desse reconhecimento no meio acadêmico expressas por uma literatura vasta e embasada em pressupostos científicos, como os do desenvolvimento humano, na escola, espaço principal de intervenção do profissional em Educação Física a disciplina parece viver um dilema, está entre o reconhecimento e a refutação, que decorre para como a educação física tem realmente contribuído para a democratização da vivência corporal.

O reconhecimento está ligado ao nível motivacional positivo para o qual a Educação Física parece contribuir, permitindo que os alunos possam participar, se envolver, construir conhecimentos e vivenciar as práticas corporais de forma prazerosa. Já a refutação, está ligada a forma como os professores de outras disciplinas (e até mesmo os alunos) acabam por conceber a educação física e da maneira como ela é conduzida em muitos espaços escolares.

Reconhecidamente o brincar, o jogar, o divertir são características do ser humano, que vê nessas manifestações a expressão de momentos específicos da sua vida. Na infância, o brincar é a forma de a criança estar no mundo, de interagir com os objetos que dele fazem parte, de construir uma zona entre ser adulto e ser criança. Veja que o brincar muito mais que o externar de um estado interno positivo, onde as crianças estão sempre motivadas, pelo gosto de correr, de pular, de interagir, representa *ser e estar* no mundo.

Com o passar do tempo, na medida em que o indivíduo vai crescendo, vai refinando suas preferências na brincadeira e no jogo e principalmente na possibilidade de interagir com outras pessoas. Os indivíduos escolhem suas brincadeiras, organizam-se para o jogo, constroem objetos que subsidiarão suas vivências (como os brinquedos) e demonstram um grau de autonomia considerável, se comparado ao momento anterior, onde a criança apenas



explora o espaço em que vive. Toda essa dinâmica, praticamente entra em colapso quando esse indivíduo chega à escola.

Na escola, as atividades corporais organizam-se no currículo, que descreve uma série de conteúdos e possibilidades de vivência que muitas vezes não correspondem a um *continuum* e pelo contrário engessam as possibilidades dos indivíduos se desenvolverem pela prática do movimento. Se o movimento, antes, era uma forma de explorar, de ser e estar no mundo, de criação e de autonomia, agora ele faz parte de uma disciplina, obrigatória, diga-se de passagem, que aprova e reprova de acordo com as exigências curriculares. É na escola também que a disponibilidade para vivenciar atividades físicas/movimento entra em contradição e isso decorre para o desenvolvimento de níveis de motivação diferenciados em virtude da diversidade de alunos no espaço escolar. Esse, portanto é o objeto de pesquisa que se pretende apresentar neste trabalho e que doravante será discutido.

O tema para o qual o trabalho foi pensado relaciona-se a *motivação como fator interferente nas aulas de educação física*. Trata-se de uma pesquisa de campo, realizada na Escola Estadual Duque de Caxias, no extremo Norte do Amapá e que teve como amostra quatro turmas do ensino fundamental (de 7º, 8º e 9º anos), com idades aproximadas entre 12 e 16 anos.

A motivação torna-se um fator decisivo nas aulas de educação física, por esse motivo, buscou-se identificar e discutir qual é a sua dinâmica nas aulas, seja de que forma a ação docente tem contribuído para a criação de um estado motivacional positivo nos alunos, seja extrinsecamente ou intrinsecamente.

Pesquisas realizadas no contexto da motivação para as aulas de educação física, como as realizadas por Martinek (2004) e Kobal (1996) evidenciaram aspectos da motivação extrínseca (proporcionada por fatores externos) e da motivação intrínseca (proporcionada por fatores internos) nos indivíduos que decorrem para o senso de pertencimento durante as aulas de educação física. Nas pesquisas de Martinek (2004) a conclusão foi de que há conteúdos hegemônicos nas aulas de educação física que acabam por tolir as possibilidades de aprendizagem e vivência dos alunos. Nesse sentido o autor

aponta para a diversificação de conteúdos nas aulas, rompendo o “*paradigma da bola*” e fazendo emergir a essência dos indivíduos para práticas mais contextualizadas e que realmente contribuam para a coordenação de movimentos, a consciência corporal, a autoestima, entre outros.

As pesquisas realizadas por Marília Kobal vão além, elas apontam para o fato de que a motivação pode ocorrer a partir de variados aspectos que passam pelo relacionamento dos alunos entre si (laços de afinidade, companheirismo durante as aulas), conteúdos trazidos para as aulas (quando estimula o desafio, recusa de muitos alunos, principalmente as meninas quando as aulas só se reservam ao futsal, por exemplo), a exclusão nas aulas em virtude das limitações técnicas.

Problematizar a motivação como fator interferente nas aulas de educação física é um dos objetivos desta produção, visando reunir teoricamente autores que tratam desta temática, mas acima de tudo poder contribuir para que a realidade local possa refletir sobre a educação física e sua contribuição para o desenvolvimento integral dos alunos baseada no questionamento “*quais os fatores que interferem nas aulas de educação física da escola pesquisada?*”. Esse questionamento ao ser respondido produz conhecimento e fornece informações que possam contribuir na superação de modelos arcaicos da prática pedagógica em educação física e a nortear a ação dos professores e do pesquisador em busca de práticas educativas mais humanizadas, democratizadas e comprometidas com as *realidades* dos alunos.

Para tanto foram realizadas visitas a instituição investigada com objetivo de observar a realidade escolar durante as aulas, bem como de inquirir através um questionário a respeito do que leva a participação nas aulas de educação física. Já as observações pautaram-se no relacionamento professor-aluno, aluno-aluno, bem como o interesse nos conteúdos trabalhados nas aulas, ao passo que o questionário relacionou-se a motivação interna e externa dos alunos.

O trabalho aqui proposto foi organizado em três partes; revisão na literatura (I) ; apresentação dos dados coletados (II) e na análise de discussão dos dados (III). A primeira parte, a revisão na literatura traz alguns conceitos

como motivação, motivação intrínseca, motivação extrínseca, entre outros que subsidiarão o tratamento das informações bem como fornecerão pressupostos teóricos. Além disso, neste capítulo será tratada também a teoria da motivação de Maslow e a sua *hierarquia das necessidades* bem como uma breve discussão sobre educação Física escolar e o conceito de cultura corporal.

No capítulo II os dados coletados serão apresentados através de um relatório de pesquisa, onde constará a forma de coleta, as respostas, a organização do trabalho, do tratamento das informações, da amostra da pesquisa. Além disso, alguns resultados serão apresentados através de tabelas contendo o percentual de respostas da amostra. Finalmente no capítulo III os dados coletados serão analisados e discutidos à luz das impressões desveladas pelas evidências coletadas e dos teóricos discutidos no trabalho.

Em suma, o trabalho aqui proposto reflete a preocupação a partir do tema motivação nas aulas de educação física e pretende acima de tudo fornecer a reflexão para a ação nas aulas no âmbito dessa disciplina e converge para a análise de uma realidade escolar e sua problematização à luz de produções teóricas já efetivadas no Brasil, como nos estudos realizados por Martinek (2004) e Kobal (1996).

## **I - EDUCAÇÃO FÍSICA E A CONSTRUÇÃO DA CULTURA CORPORAL**

Ao se pensar no fazer educativo, pode-se vislumbrar que a escola situa-se dentro de um contexto de aspirações políticas, sociais, científicas, que acabam por determinar a prática pedagógica no seio escolar e delimitar as ações para atingir os sujeitos envolvidos com a escola. Então se pergunta o que é a educação física, uma vez que ela pode desvelar um conjunto de aspirações individuais e socialmente concebidas. Pode-se dizer que se trata de uma disciplina do currículo escolar de características eminentemente práticas voltada ao corpo, ou ainda, que a Educação Física, seja a educação do corpo?.

O Coletivo de autores (2009, p.50) ao tratar do que seja educação física alude para:

Uma prática, que no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivo-corporais, como jogo, esporte, dança e ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem.

O Coletivo de autores (2009, p. 62) complementa ao significado da Educação Física o fato de que:

O homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético ou outros, que são representações, ideias, conceitos produzidos pela consciência social e que chamaremos de “significações objetivas”. Em face delas, ele desenvolve um “sentido pessoal” que exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade de sua própria vida, do seu mundo e suas motivações.

As palavras do Coletivo de autores nos remetem ao pensamento do que seja o objetivo da educação física escolar, principalmente no que tange as relações dialéticas embutidas no ato de educar (aspirações dos alunos, do professor, da sociedade). Dessa dialogicidade decorrem os conteúdos que serão significativos ao ensino/aprendizagem da educação física, que acabam

por despertar, incentivar, valorizar e muitas vezes desmotivar os alunos. Assim pode-se dizer que:

Tratar desse sentido/significado abrange a compreensão das relações de interdependência que jogo, esporte, ginástica e dança, ou outros temas que venham a compor um programa de Educação Física, têm com os grandes problemas sociopolíticos atuais, papéis sexuais, saúde pública relações sociais do trabalho, preconceitos raciais, sociais, da deficiência, da velhice, distribuição do solo urbano, distribuição de renda, dívida externa e outros. A reflexão sobre esse problema é necessário se existe a pretensão de possibilidades social interpretando-a e explicando-a a partir dos interesses da classe social (Coletivo de autores, 2009, p. 63).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9396/96 descreve a Educação Física como componente curricular obrigatório que deve consonar-se com as propostas pedagógicas das escolas, assentando-se em uma parte comum e outra diversificada que atenda as particularidades regionais. O conceber da Educação Física como uma disciplina que deve ser ofertada é um impulso a mais para a valorização desta área na escola em caráter de sua relevância para o desenvolvimento integral dos indivíduos, mas não é só isso que a dota de extrema relevância nos espaços escolares.

Logicamente não é tão simples definir a educação física, tampouco limitar seu objeto de atuação, uma vez que ao longo da sua trajetória, a disciplina atendeu diferentes perspectivas que acabaram por delineá-la num tempo e espaço próprios. Não se pretende aqui cometer anacronismos, mas reconhecer que as características e papéis desempenhados pela educação física ao longo dos tempos decorreu para os questionamentos que hoje alimentam e incitam reflexões sobre as práticas dos professores. Sobre esse olhar, das diferentes perspectivas que a educação física experimentou ao longo dos anos, legitima-se as diferentes pedagogias que caracterizam as aulas (em Educação Física) em cada momento histórico e justificam o sentido de caminharmos para novos horizontes em torno dessa disciplina.

Uma pedagogia entra em crise quando suas explicações sobre as práticas sociais já não mais convencem os sujeitos das diferentes classes (pense que as classes estão em constante contradições – grifo meu) e não correspondem aos seus interesses. Nessa crise, outras explicações pedagógicas vão sendo elaboradas para lograr o consenso (convencimento) dos sujeitos, configurando as pedagogias emergentes, aquelas em processo de desenvolvimento, cuja reflexão vincula-se à construção ou manutenção de uma hegemonia (Coletivo de autores, 2009, p. 27)

Esse pensamento direcionado à Educação Física nos permite vislumbrar o ato educativo como promotor de mudanças significativas em torno de conteúdos e metodologias, bem como de promover a equidade na vivência daquilo que doravante chamaremos de práticas/atividades corporais, componente da cultura corporal.

A ideia em torno do que possa ser a cultura corporal passa pelo entendimento do que seja materialidade corpórea, sendo esta entendida como um conjunto de saberes historicamente construído pelo homem frente a um desafio. Assim o homem se apropria dessa materialidade a partir da vivência das atividades corporais, que podem e devem ser vivenciadas na escola e descrevem sua função de linguagem, de trabalho e de poder (Coletivo de autores, 2009, p. 40).

Dessa forma, a expectativa da Educação física Escolar, que tem como objetivo a reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classes das camadas mais populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo o individualismo, a cooperação confrontando a disputa, a distribuição em confronto com a apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos – a emancipação -, negando a dominação e submissão do homem pelo homem, então pensa-se numa prática pedagógica e num projeto de escola que viabilize essas competências (Coletivo de autores, p. 41).

O pensamento de que a educação física é geradora de possibilidades de reflexão histórica e social, não desconsidera os variados temas da cultura corporal, pelo contrário, busca que quanto maior o repertório de atividades corporais, maior e mais qualitativa será a bagagem corporal dos indivíduos.

A cultura corporal como tem sido paulatinamente discutida neste trabalho surge como uma resposta aos conceitos atrelados à Educação Física. É o que cita Gonçalves (2006, p. 120) ao dizer que “*para algumas pessoas, a Educação Física é cuidar do corpo, é aprender a movimentar-se melhor, é melhorar a aptidão física (...). É educar para a saúde ou disciplinar o corpo tornando-o obediente e capaz de suportar esforços continuados*”. Mais que essas ideias sobre o que venha ser a educação física, pretende-se aqui, buscar um conceito mais amplo e que caracterize essa disciplina no contexto escolar. Para tanto nos reportaremos ao conceito de cultura corporal, muito usado em parte da Europa e definido por Santos (2002, p. 13) para quem:

A cultura corporal é a expressão do potencial que o ser humano tem para, por meio da imitação configurar em uma nova linguagem a representação de algo, de um fato ou sentimento. Esse processo criativo que denominamos de simbolismo, ou faz-de-contas, é o responsável pelas variações corporais, como a que imita o voo de um pássaro (entre tantas) e possibilita uma leitura clara da mensagem. (...) cultura corporal é o conjunto de ações corporais produzidas na sociedade no transcorrer de suas histórias e que tem capacidade de representação ou simbolismo.

Ainda nessa abordagem da cultura corporal, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s- (1997, p. 27) aludem para o fato de que “*podemos perceber que a cultura corporal é a ressignificação dos movimentos criados pelo homem ao longo da história, sejam eles de ordem militar, tecnológica, religiosa, relacionadas a rituais e festas ou por razões apenas lúdicas*”.

Complementando essa ideia, os PCN’s (1998, p. 28) acenam que dentro deste universo de produções da cultura corporal de movimento, algumas foram incorporadas pela Educação Física como objetos de reflexão e ação: os jogos, as brincadeiras, os esportes, as ginásticas, as lutas e as danças, que tem em comum a representação corporal de diversos aspectos da cultura humana.

A cultura corporal, já mencionada anteriormente é dessa forma, o conjunto de experimentações do corpo vivido, conteúdos construídos ao longo dos tempos que significam uma prática corporal em determinada realidade e muito mais que isso. É o que o Coletivo de autores (2009) nos lega ao dizer que a cultura corporal:

É uma parte da cultura do homem. É configurada por acervo de conhecimento socialmente construído e historicamente determinado, a partir de atividades que materializam as relações múltiplas entre experiências ideológicas, políticas, filosóficas e sociais e os sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, competitivos ou outros relacionados a realidade, as necessidades e motivações do homem. O singular dessas atividades sejam criativas ou imitativas – é que o produto não é material nem é separável do ato de sua produção, por esse motivo o homem lhe atribui um valor de eixo particular (...). Assim a educação física, como disciplina escolar estuda o conteúdo da cultura corporal como objetivo fundamental de explicar criticamente a especificidade histórica e cultural dessas práticas e participar de forma criativa, na construção de uma cultura popular progressista, superadora da cultura de classes dominantes (p. 127)

## **1.1 A MOTIVAÇÃO COMO FATOR INTERFERENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Nas séries iniciais a disciplina de Educação Física, concretizada por um de seus conteúdos, *recreação e jogos* é caracterizada pela forma como as crianças dão significado e relevância, através da brincadeira, do jogo, do faz-de-conta, o que envolve de forma lúdica a maioria dos alunos. Ao mesmo tempo em que o professor propõe atividades lúdicas e que acontecem de forma prazerosa, algumas necessidades dos alunos são contempladas, como a cooperação, os valores positivos, a amizade, aspectos cognitivos entre outros, que dotam essa disciplina de grande importância pedagógica. Nas séries subsequentes aliadas às modificações que ocorrem com o indivíduo, já na fase púbere, alguns temas, como são os da educação física deixam de chamar a atenção do indivíduo, como ocorria nas séries iniciais. Isso acaba fortalecendo a ideia de que nessa fase nova a educação física passa de seu caráter lúdico voltado a vivência prazerosa do brincar e do jogar para o uma fase de potencial



muito grande de alavancar novas experiências sociais, afetivas, emocionais e psicológicas dos alunos.

Nosso foco aqui é buscar refletir sobre esse indivíduo, o aluno, e estabelecer um vínculo estreito entre ele, os conteúdos historicamente presentes nas aulas de educação física e a disponibilidade dos indivíduos para se inserir no contexto da aprendizagem, o que doravante chamaremos de motivação.

Apesar de sua necessidade e relevância no contexto escolar, a educação física parece buscar definir um objeto de intervenção, que na maioria das vezes se restringe ao esporte, pois os professores apesar de uma formação atual permeada por reflexões sobre os objetos da educação física, não conseguem se desprender de modelos arcaicos e descontextualizados que por décadas povoam essa disciplina. Seria pretensioso atribuir ao esporte um caráter cético e negativo, pois sua utilidade como ferramenta pedagógica é indiscutível, mas é preciso discuti-lo visando torná-lo *da escola* ao contrário de sua simples presença *na escola*. Trata-se do esporte como promotor de equidade, ao invés de levá-lo para o lado seletivo, do esporte como gerador de valores e conceitos para a cidadania, como um conteúdo que precisa gerar reflexão e ação, pois sua trajetória histórica é fruto das contradições entre classes.

Ao mesmo tempo em que se reconhece a importância da educação física para levar os indivíduos a desenvolverem hábitos saudáveis e para o movimento através de vivências corporais diversificadas, decorrendo para o desenvolvimento integral do indivíduo, paradoxalmente percebe-se a carência deixada nas escolas, onde comumente ela (a educação física) se materializa em práticas excludentes, marginalizantes, seletivas, competitivas, preconceituosas, com presença de conteúdos que são hegemônicos e que se cristalizam há décadas nas aulas de Educação Física. Isso contribui para a recusa na participação das aulas de educação física e envolve fatores que perpassam além da questão de conteúdos, pela postura docente, pela condição sociocultural da clientela, pela priorização ou não de sua realidade e

principalmente pela manutenção de um estado pessoal (interno de motivação) favorável.

Os parâmetros Curriculares Nacionais contextualizando o aluno do ensino fundamental traz uma reflexão inicial que deve ser realizada pelos professores quando da prática da educação física escolar. Essa reflexão visa desvelar:

Quem é o aluno do ensino fundamental? Quais são seus interesses de aprendizagem? Quais são os seus conhecimentos prévios? Como são compostas as classes? Quais as transformações corporais, cognitivas, afetivas e sociais que ocorrem neste aluno durante o ensino fundamental? Que grau de autonomia em relação ao próprio processo de aprendizagem o aluno pode assumir em cada etapa de escolaridade? As respostas a essas e a inúmeras outras perguntas devem dar subsídios para que o processo de ensino e aprendizagem inclua o aluno em relação interativa com os objetos do conhecimento (Parâmetros Curriculares Nacionais, p. 45, 1998)

As ideias expressas nos Parâmetros curriculares dão conta de propostas pedagógicas em educação física que estimulem o desenvolvimento integral dos indivíduos, buscando dotá-los de capacidades e competências capazes de torná-los sujeitos do conhecimento e coatores em seu meio. Para tanto desvincula o foco dos conteúdos hegemônicos como o futebol, por exemplo, para conteúdos mais comprometidos com as realidades locais e com as necessidades biopsicossociais. É o que percebemos em outro trecho dos Parâmetros Curriculares:

Na aprendizagem e no ensino da cultura corporal de movimento, trata-se basicamente de acompanhar a experiência prática e reflexiva dos conteúdos na aplicação dentro de contextos significativos. Durante esse acompanhamento, diversificando estratégias de abordagem dos conteúdos, professor e aluno podem participar de uma integração cooperativa de construção e descoberta, em que o professor promove uma visão organizada do processo, como possibilidades reais (experiência socioculturalmente construída, referência para a leitura da tentativa do aluno), e o aluno contribui com o elemento novo (o seu estilo pessoal de executar e refletir, e, portanto, de aprender), de que se apropria, trazendo a síntese da atualidade para o momento da aprendizagem (conhecimentos prévios, recursos de troca de informações, informações da mídia etc.). Desse modo, ambos podem ressignificar suas estruturas

interiores de aprendizagem e de ensino e elaborar a intenção e a predisposição necessárias para a construção do novo e do atual (Parâmetros Curriculares Nacionais, p. 46, 1998)

Os parâmetros curriculares citam que o senso de pertencimento às aulas de educação física deve ser desenvolvido no âmbito das práticas corporais e decorre para a criação no indivíduo de um estado motivacional favorável. Isso “*constitui-se em um instrumento valioso de relacionamento social, pois ao jogar, lutar ou fazer ginástica, o aluno pode revelar intenções, expressar sentimentos, construir estratégias e criar códigos de comunicação*” (BRASIL, 51). O que o documento trata é justamente de uma rede de interações mediadas pelo professor e que passa pela estruturação dos conteúdos em educação física, isto é, proporcionar a vivência de variados conteúdos da cultura corporal, como as danças, as lutas, os esportes, os jogos, as brincadeiras tradicionais e pelas necessidades dos indivíduos de dada realidade, buscando a cada dia o desafio de motivá-los às práticas corporais. É o que alega Pozo (2002) citado por Araújo et Al (2008, p. 2) para quem:

O ensino-aprendizagem é concebido de maneira global na escola, convida a vivência corporal, proporcionando que a criança encontre em si mesma, isto é, em seu corpo, a participação, o relacionamento, a interação do grupo e trabalho de equipe. Além de auxiliar na socialização e na liberação de substâncias importantes para a auto aceitação e para o aumento da autoestima, que influenciam de maneira direta, no estado motivacional com que este aluno participa de todas as aulas do contexto escolar.

Araújo et Al (2008, p. 3) citam a teoria da autodeterminação de Deci e Ryan (2000) quando dizem que um estado de disposição à prática de atividades decorre de graus/níveis de motivação intrínseca, isto é, “*para serem intrinsecamente motivadas, as pessoas necessitariam se sentir competentes e autodeterminadas*”. Isso retrata a gênese do processo educativo com enfoque para a educação física, onde as propostas pedagógicas deveriam direcionar os indivíduos a descobrirem as possibilidades corporais, adequando-as às suas necessidades, buscando que os sujeitos sejam/estejam constantemente motivados e desenvolvam habilidades e competências voltadas à consciência corporal, percepção corporal, autoestima, satisfação e o prazer.

Corroborando com as ideias supracitadas entende-se que a preocupação com a motivação como fator incidente nas aulas de educação física deve ser um dos pilares do trabalho pedagógico, pois não basta participar apenas para cumprir uma disciplina e obter nota ao fim do ano, é necessário envolvimento, pertencimento, compreensão pelo aluno de seu papel na “*atmosfera*” da aula e isso decorre de uma complexa cadeia de fatores que passam por aspectos sociais, psicológicos, afetivos, culturais e ambientais. É nessa perspectiva que Maggil apud Gouveia (2007) citado por Araújo et Al (2008, p. 4) destaca a importância da motivação na “*compreensão da aprendizagem e do desempenho de habilidades motoras, pois tem um papel importante na iniciação, manutenção e intensidade do comportamento*” assim sem motivação as atividades executadas não terão sentido e significado para o sujeito, tornando-se simplesmente um *cumprir* tarefas.

Na literatura sobre o assunto é possível encontrar algumas definições para o termo motivação que em maior ou menor grau descrevem um estado psicológico do indivíduo, que o direciona a envolver-se ou excluir-se de uma atividade. Cratty (1984) citado por Martinek (2004, p. 17) concebe a motivação como “*fatores e processos que levam as pessoas a uma ação ou à inércia*”. Nas aulas de educação física a ação proposital e intencional na realização de atividades de forma não imperativa, é entendida aqui como motivação e deve ser um dos focos do trabalho pedagógico, pois se os alunos forem motivados não haverá resistência à aprendizagem. Já Anton (1989) citado por Martinek (2004, p. 17) falando sobre a dinâmica da motivação nos indivíduos cita um exemplo, onde diz que;

A motivação é a razão que dirige a **conduta, a força e natureza do esforço**, que impulsiona o indivíduo para alcançar seu objetivo. Existem desportistas com diferentes interesses: há aqueles motivados pela necessidade de movimento e liberação de energia, que se satisfazem plenamente com o próprio jogo; outros buscam a afirmação de si mesmos, através do êxito pessoal de cada ação; outros ainda seriam os que utilizam o esporte como forma de compensação de fracassos na família, buscando êxito em ocasiões de forma constante.

Como um fator que emite uma característica ao comportamento do indivíduo, a motivação deve ser entendida como uma das prioridades para as aulas de educação física. Então baseando nos questionamentos feitos acima, perguntamos: *o que motiva os alunos nessas aulas?*

Uma boa resposta para essa pergunta pode ser encontrada nos estudos de Sawrey e Telford (1973) citados por Bidutte (2001, p. 02). Para esses autores há *motivos biológicos* e *motivos sociais* que regem as ações dos indivíduos, os primeiros tangem à própria sobrevivência do indivíduo, incidindo sobre ele um estado motivacional necessário e que decorre para sua preservação como, por exemplo, *a sede, fome, dor e temperatura*; o segundo, isto é, os motivos sociais podem ser divididos em três: o motivo gregário, o de prestígio e o de aceitação.

O motivo gregário descreve justamente o relacionamento dos professores com os discentes e dessa relação advém grande contribuição à motivação dos alunos. O motivo de prestígio e o motivo de aceitação são usados com mais frequência pelos professores, o aluno tende a perpetuar o comportamento positivo quando recebe elogios por parte de pais, professores e outros indivíduos e a diminuir ou extinguir comportamentos negativos. Além disso, o aluno tende a repetir o comportamento em que ele se sai bem, isto é, se tiver mais sucesso na prova de vôlei do que na de basquete, a tendência é de motivar-se mais pelo vôlei e conseqüentemente, praticá-lo mais (BIDUTTE, 2001, p. 3).

MARTINEK (2004, p. 19) fala sobre a motivação orgânica ou biológica e a motivação Social quando diz que:

Pode acontecer quando nas escolas alguns adolescentes não se alimentam direito, não dormem o necessário devido ao trabalho, o que pode diminuir o interesse pela prática de atividade física prejudicando até mesmo a saúde do praticante. Já a motivação social se observa da seguinte maneira: os jovens podem chegar desanimados para as aulas de Educação Física devido a problemas familiares ou com grupos de amigos. Ambos os fatores citados podem causar a desmotivação desses adolescentes.

Não é possível tratar de motivação nas aulas de educação física sem relacioná-las às propostas curriculares efetivadas nesta disciplina. Alguns estudos têm evidenciado uma relação muito grande dos conteúdos trabalhados nas aulas de educação física e os níveis de motivação entre meninos e meninas nos anos finais do ensino fundamental. A maioria desses estudos identifica nas aulas uma priorização reiterada de conteúdos ligados ao esporte, onde é possível citar que o futebol, o vôlei e o basquete são esmagadoramente hegemônicos.

O que ocorre é que meninos e meninas não são motivados da mesma forma, ressaltando o princípio da individualidade para a prática da Educação Física. Assim baseando as aulas em conteúdos massificados como os citados, os professores acabam por “engessar” as possibilidades de desenvolvimento dos alunos e promovendo a exclusão daqueles que não são motivados a praticarem tais esportes. Deve-se ainda ressaltar a presença de alunos que não possuem habilidades para a prática de determinadas modalidades ou ainda aqueles que possuem algumas resistências em relação ao corpo, são gordos ou magros, baixos ou altos e devido à abordagem do professor acabam se inibindo e não se sentindo envolvidos nas aulas. Por outro lado a relação dos alunos com os professores é essencial para a criação de um ambiente motivador. SNYDERS (1988) citado por Martinek (2004, p. 35) acredita *“que a expectativa dos alunos quanto às relações pessoais com o professor é muito grande, muito mais forte que os desejos dirigidos aos conteúdos ensinados”*. O autor ainda destaca que:

Eles (os alunos – grifo meu) colocam todas as suas esperanças ao lado das relações com os colegas, nas relações com a pessoa do professor. Eles colocam aí também todo o seu desespero, diante da realidade das tensões, dos confrontos ou pelo menos da frieza, da distância. (Snyders, 1998 apud Martinek, 2004, p. 35)

## **1.2 - TEORIA DA MOTIVAÇÃO: A ABORDAGEM DE MASLOW**

Alguns estudiosos do comportamento humano entre eles Maslow, McGregor e Herzberg desenvolveram teorias para explicar a motivação e seus

processos. Maslow hierarquiza necessidades que contribuem para proporcionar no indivíduo um estado motivacional positivo, para ele há necessidades demandadas que em maior ou menor grau influencia o nível motivacional, assim Maslow define a *hierarquia de necessidades*, expressas em uma pirâmide.

**FIGURA 01- PIRAMIDE DE MASLOW**



Figura 1-FONTE: [www.suamente.com.br](http://www.suamente.com.br)

Na base da pirâmide está a satisfação das *necessidades fisiológicas* ou básicas, como por exemplo, a fome e o sono; mais acima está o bloco das *necessidades de segurança*, que está ligada à sensação de sentir-se seguro nos diversos espaços sociais (em casa, em relação à saúde, emprego, etc.).

Acima das necessidades fisiológicas e de segurança Maslow elenca outra necessidades, a *social*. Segundo essa necessidade, o indivíduo necessitar sentir-se amado, aceito socialmente, bem como bem relacionado afetivamente. A penúltima faixa da pirâmide trata da necessidade de *estima*

(autoestima e heteroestima), assim nessa etapa os indivíduos necessitariam de reconhecimento de suas capacidades pessoais, por si só e pelos outros indivíduos de seu convívio. Por fim, no topo da pirâmide estaria as necessidades de *auto realização*, onde o individuo caminha em direção a ser aquilo que poderá ser.

O que Maslow propõe com essa teoria trata de uma cadeia de fatores que em maior ou menor grau interferem na motivação dos indivíduos para a prática de uma ação/atividade. As necessidades fisiológicas, por imprimirem aos indivíduos um requisito de sobrevivência são essenciais para alavancarem um estado motivacional positivo ou negativo, pois remetem os indivíduos a sensações de dor (no caso da fome e da sede), cansaço (sono), estresse e até doença, quando essas necessidades não são sanadas. A necessidade de segurança envolve o anseio dos indivíduos em estarem seguros em variados âmbitos como sua exposição à violência dos grandes centros, confiança na realização de algo que comumente não realiza, estar financeiramente bem e seguro, ter uma família e nela gozar de abrigo e carinho e ainda estar seguro em relação a sua saúde.

A necessidade social remete a afetividade do individuo, sua aceitação no meio em que pertence, o relacionamento estabelecido com seus pares e família, tornando-se uma necessidade extremamente interferente no fator motivacional. Complementando a necessidade social, a necessidade de status e estima, tem efeito na construção do senso de capacidade de realização, nela o individuo deverá se sentir capaz de realizar as atividades propostas por desafio a si mesmo e para obter reconhecimento de seus pares, por isso a competência é o alvo das ações do individuo, pois ele se sentirá intrinsecamente motivado a partir do olhar das pessoas que o rodeia. Por ultimo, o individuo tende a estar positivamente motivado quando é capaz de realizar as ações que lhe são propostas com desenvoltura, despertando-os para a autonomia e a autor realização (necessidade de auto-realização).

A necessidade, segundo (Batista & Gouveia, 2007, p. 4) “*é um forte sentimento de desconforto acerca de qualquer aspecto da vida de uma pessoa*”



*que cria uma enorme tensão*”. Enfatizando as necessidades já discutidas anteriormente, os autores citam Maslow para quem:

As necessidades não satisfeitas são os motivadores principais do comportamento humano, havendo precedência das necessidades mais básicas sobre as mais elevadas. Logo, se as necessidades fisiológicas não estiverem satisfeitas, um indivíduo não se sentirá estimulado pelas necessidades de estima. No entanto, satisfeitas as necessidades de um nível, automaticamente surgem as necessidades de nível superior no indivíduo, deixando as de nível inferior de serem motivadoras.

### 1.3 - FATORES QUE INTERFEREM NA MOTIVAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

MARZINEK (2004, p 22) cita em seu trabalho duas fontes de motivação classificadas em intrínsecas e extrínsecas, que necessitam ser meticulosamente esclarecidas. Para ele a motivação intrínseca descreve a disponibilidade do indivíduo, que por conta própria se propõe a realizar determinadas atividades e decorre daí muitas possibilidades de aprendizagem. Cita ainda que *“o material aprendido fornece o próprio reforço, e a tarefa é cumprida por que é agradável”*. Por outro lado a motivação extrínseca *“ocorre quando o aluno é envolvido pelos colegas, pelo professor de educação física e até mesmo por familiares, que incentivam a sua participação nas aulas de educação física”*.

Outro autor, Puente (1982) citado por Marzinek (2004, p. 22) alega que:

A motivação extrínseca é caracterizada como aquela que é controlada por reforços administrativos por um agente externo. Já a motivação intrínseca é um comportamento mediado por esforços sobre os quais o próprio indivíduo tem controle. Na vida do adolescente, este agente externo será a escola, que buscará encaminhamento para aprendizagem.

O interessante dos estudos apresentados por Marzinek (2004, 22) tange justamente à motivação extrínseca, baseada em três conceitos principais: *recompensa, castigo e incentivo*. Para o autor a conduta do indivíduo pode ser direcionada/norteada a partir de um objeto ambiental denominado **recompensa**

(aprovação, medalhas, troféus, reconhecimento), fomentando que a conduta aconteça de forma reiterada. Ao contrário da recompensa, o **castigo** reduz as possibilidades de uma conduta voltar a acontecer, principalmente pela exposição do indivíduo a situações de ridicularização em público, o que comumente ocorre pela falta de técnicas e habilidades de alguns alunos na vivência de determinados esportes na escola.

É preciso direcionar as discussões a respeito da motivação situando-as no âmbito da prática pedagógica e das condições físicas das escolas principalmente em regiões periféricas. Nesse sentido o professor como um dos envolvidos nas aulas assume um papel de mediador, agente motivador, observador das necessidades e individualidades dos alunos. Não é que ele deverá planejar várias aulas para atender a diversidade, mas variar os conteúdos como forma de abarcar os mais diferentes anseios, evitando que os conteúdos de se tornem repetitivos e generalizados. É o que alega Martinek (2004, p 40) para quem *“as aulas de educação física não podem se restringir somente ao esporte, visto que muitos alunos com dificuldades técnicas necessitam de atendimento, de compreensão para a realização das aulas com entusiasmo”*.

Althman e Sousa (1999, p. 3) em sua obra discutem um assunto extremamente pertinente quando se trata de motivação nas aulas de educação física, a questão da *inclusão*. As autoras discutindo as prerrogativas das orientações curriculares para o ensino fundamental e os parâmetros curriculares nacionais, citam que projetos educativos em educação física passam a vislumbrar um modelo educacional pautado no respeito às diferenças e na democratização do acesso às práticas corporais. As autoras enfatizam que esses documentos:

Servem de apoio às discussões e ao desenvolvimento dos projetos educativos da escola, reforçam a necessidade de se construir uma educação básica que adote como eixo estrutural o princípio da inclusão, apontando para uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busque a cooperação e a igualdade de direitos (...). Entretanto é necessário entender que quanto mais o pensamento e a prática educativa se situam no campo dos direitos, mais inevitável se torna encarar a escola como um dos espaços instituídos de integração e da diversidade.

Delimitando as ideias acima encontramos em Arroyo (1996) as propostas que fazem da escola e das aulas espaços acolhedores e diversos. O autor sinaliza que:

É preciso situar a escola na construção de um projeto político e cultural por um ideal democrático que reflita, ao mesmo tempo, a complexa diversidade de grupos, etnias, gêneros, demarcado não só por relação de perda, de exclusão, de preconceito e discriminações, mas também por processos de afirmações de identidades, valores, vivências e culturas.

Portanto de acordo com as ideias dialogadas ao longo deste texto, identificou-se que são variados os fatores que podem imprimir às realidades educacionais níveis de motivação e desmotivação dos alunos na área da educação física. Esses níveis de motivação passam por fatores psicológicos (auto aceitação, autoimagem, consciência corporal, por exemplo), da relação dos professores com os alunos e dos alunos entre si, dos conteúdos trabalhados, da tarefa, da aceitação dos indivíduos nos grupos e ainda da forma como a diversidade é tratada nas aulas de educação física. Nesse sentido as aulas de educação física devem se tornar momentos de interação e superação de medos e da construção da autoimagem positiva e principalmente de um estado motivacional favorável para que o processo ensino-aprendizagem possa ocorrer.

## II - RELATORIO DA COLETA DE DADOS NA PESQUISA DE CAMPO

Durante o curso da graduação e das disciplinas que compunham o currículo foram demandadas visitas, estágios e intervenções junto às escolas da realidade local com vistas a possibilitar ao futuro profissional em Educação Física a prática pedagógica comprometida e fundamentada a partir dos variados desafios que a realidade escolar remete.

Nestas intervenções foi possível identificar as mazelas que minimizam as possibilidades de aprendizagem dos alunos, sejam elas originárias de um sistema educacional tradicional ou simplesmente pela ausência de alternativas que tornem possível o acesso ao conhecimento, no caso específico da Educação Física Escola, o acesso às práticas corporais e aos variados temas da cultura corporal. Além disso, concretizaram-se dúvidas quanto às propostas pedagógicas e institucionais que realmente permitissem que os alunos se sentissem pertencentes ao contexto da aula/escola ou que eles se sentissem motivados para praticarem/vivenciarem as aulas, remetendo à motivação extrínseca e intrínseca.

As observações realizadas em estágios e visitas durante o curso desvelaram indivíduos dispostos à prática da Educação Física através de atividades permeadas pelo lúdico, ao ponto que na medida em que a complexidade das áreas do conhecimento aumentavam, o que também era decorrente de mudanças biopsicossociais, muitos indivíduos não se sentiam atraídos pelas aulas de educação física, pelo contrario excluía-se das aulas, residindo aí um importante problema de pesquisa.

Com base nos questionamentos que buscavam desvelar *quais os fatores interferem na motivação dos alunos da realidade investigada*, preferiu-se um estudo de campo, de forma que proporcionasse ao pesquisador o contato efetivo com a realidade escolar escolhida. O estudo de campo desponta como uma das alternativas mais eficazes de verificação, análise da realidade com vistas a intervir nela ou ainda para solucionar um problema proposto, bem como encontrar respostas satisfatórias que minimize as dúvidas

do pesquisador. É nesse sentido que Rodrigues (2007, p. 4) nos diz que os estudos de campo permitem “*a observação dos fatos tal como ocorrem. Não permite isolar e controlar as variáveis, mas perceber e estudar as relações estabelecidas*”.

Os estudos de campo possuem a características de desvelar as relações dos indivíduos em determinado espaço e grupo social. Aplicada à área da educação esse tipo de estudo e/ou pesquisa decorre para a “*possibilidade de descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade*” (Pedroza, 2005, p.30). Vieira (2005):

O estudo de campo consiste no estudo de um único grupo ou comunidade (...). A pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo (p. 36).

O entrelaçamento de relações na escola (um dos locais de interação social), explicitada nas interações dos sujeitos no contexto da aula, bem como o diálogo com os conteúdos trabalhados pelo professor decorre para a efetivação da aprendizagem e na promoção real do acesso igualitário ao saber. Assim a efetivação de propostas que torne a participação de todos no processo ensino-aprendizagem é imperativa da escola e perpassa pela assunção de cada sujeito de seu papel nessa estrutura que é aula, a escola. Dessa forma a pesquisa de que trata este trabalho pretende desvelar como a escola e seus sujeitos imprimem ao ato de ensinar e aprender modificações que torne a aprendizagem significativa e que permita realmente que todos sejam atingidos. Essas ações passam pela organização do trabalho e tempo pedagógicos, pelo relacionamento entre esses sujeitos, bem como pelo papel assumido pela escola na criação de um clima propício de aprendizagem, o que passa por um clima motivacional de professores e alunos, bem como de organização material e estrutural.

## **2.1 - METODOLOGIA DA PESQUISA**

Como metodologia de pesquisa optou-se pela pesquisa de campo, com imersão na realidade escolar, durante um período previamente estabelecido e acordado com a gerência da instituição investigada, vale, porém ressaltar que o contato e convívio com a escola se deu já por algum tempo em virtude do Curso de Disciplinas como Crescimento e Desenvolvimento Motor, onde foram realizadas intervenções no sentido de analisar o desenvolvimento dos alunos; pesquisa e Educação Física; Práticas Curriculares, onde foi desenvolvido um projeto voltado ao lúdico como proposta educativa; Medidas e Avaliação em Educação Física, onde foi realizado um trabalho com os alunos de avaliação biométrica e que cujos dados compuseram um relatório apresentado á escola e por fim os Estágios no ensino fundamental I e II. Com tanto contato com a instituição seria importante também que ela fosse lócus de pesquisa.

Foram usados dois instrumentos de pesquisa, a observação direta (que envolveu aspectos da relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno-objetos da aula) e a aplicação de um questionário (destinado a alunos das séries que compunham a amostra).

## **2.2 - A AMOSTRA DA PESQUISA**

A amostra de uma pesquisa pode ser caracterizada segundo Goode e Hatt (1979, p. 269) como “*a menor representação de um todo maior*”.

A amostra de que trata essa pesquisa descreve alunos do ensino fundamental, com quatro turmas (uma de 7ª ano, duas de 8º ano e uma turma de 9º ano) da Escola Duque de Caxias, no Município fronteiro de Oiapoque, no Norte do Amapá. Foram realizados cinco contatos diretos do pesquisador com os alunos das turmas que compunham a amostra (3 voltados a aplicação do questionário e 2 voltados à observação nas aulas), isso por que a imprevisibilidade seria um fator que poderia interferir na avaliação realizada

pelos alunos sobre as aulas de educação física. Nesse sentido propôs-se que o pesquisador fosse percebido como minimamente interventor no contexto da aula, tornando sua presença quase imperceptível.

Dessa forma foram realizadas três visitas (questionário), uma para que os alunos ficassem sabendo da pesquisa e o pesquisador fosse conhecido. Na outra visita, objetivou-se uma observação de uma aula teórica para melhor ambientar o pesquisador e por último, uma visita para aplicação do questionário com a turma. Além disso, foi discutido previamente com a professora titular sobre todas as questões presentes no questionário.

Quanto aos sujeitos da pesquisa tratou-se de quatro turmas do ensino fundamental de nove anos e seguiu-se a seguinte ordem de coleta de dados:

- I- Alunos do oitavo ano, com idades variadas entre 13 e 15 anos, no turno da tarde, com a facção do questionário com a contribuição efetiva do professor titular da turma – dia da Visita 3; quantidade de alunos: 17
- II- Alunos do sétimo ano, com idades variadas entre 12 e 15 anos (turma com maioria de alunos repetentes), no turno da tarde, facção do questionário realizado diretamente pelo pesquisador – dia da visita 3; quantidade de alunos: 21;
- III- Alunos do oitavo ano, com idades variadas entre 12 e 13 anos, no turno da manhã, onde os alunos realizaram o questionário juntamente com a professora de Educação Física – visita 3, quantidade de alunos: 19;
- IV- Alunos do nono ano, com idades entre 14 e 16 anos, no turno da manhã, onde foi realizado o questionário sobre motivação intrínseca e extrínseca – visita 3, quantidade de alunos: 31

As visitas I, II e III foram realizadas durante três semanas consecutivas devido ao número de aulas (práticas e teóricas) de cada turma (duas aulas semanais). Cada visita teve a duração de 50 minutos e quando a professora tinha dois horários, visitas de 01h40min.

## 2.3 - AS OBSERVAÇÕES EM CAMPO

A observação é uma das técnicas de coleta de dados utilizada por quase toda a pesquisa científica. Observar significa aplicar atentamente os sentidos a um objeto para de ele adquirir um conhecimento claro e preciso (...). A observação constitui-se na base das investigações científicas (Vieira, 2005, p. 70)

As observações foram realizadas destinadas aos sujeitos construtores da aula, o professor e os alunos. Buscou-se analisar aspectos relacionais do professor, dos alunos, bem como uma análise da interação com os objetos da aula (materiais, estrutura física). Esse instrumento da coleta de dados foi realizado com foco maior nas aulas práticas, por serem elas as que mais desvelam o interesse ou não de participação nas aulas de Educação Física. Mesmo que a intenção fosse apenas de realizar observações sem interagir verbalmente com a amostra (alunos), algumas atitudes dos alunos no desenvolvimento das aulas demandaram uma aproximação por parte do pesquisador com vistas a elucidar dúvidas que apareceram quando da coleta de dados. Uma das inquietações, por exemplo, tratava de *“por que alguns alunos insistiam em não participar das aulas”*, cujas respostas também foram consideradas importantes parâmetros de análise.

Sampaio & Santos (2008, p.394) dizem que *“para que a observação seja validade cientificamente, é necessário que o observador faça um planejamento prévio, escolhendo um método de observação, adequado para a situação em questão. Dessa forma optou-se pela observação direta, onde o “observador, atua como espectador, ficando alheio à situação”* (p. 396).

As observações foram realizadas seguindo a ordem:

- 2 aulas de observação da turma de oitavo ano (911), sendo observações de 2 sessões de 50 minutos;
- 2 aulas de observação da turma de sétimo ano (722), no turno da tarde;



- 2 aulas de observação da turma de oitavo ano (822), turno da tarde;
- 2 aulas de observação da turma de oitavo ano (811), turno da tarde;

As observações foram realizadas em momentos de aula prática, pois é onde reside a maior possibilidade de participação dos alunos nas atividades propostas pelo professor. Foram realizados contatos nas turmas para evitar que os alunos ficassem surpresos com a presença do pesquisador nas aulas, assim a participação e a observação não imprimiu aos alunos a mudança na rotina nas aulas, pois isso certamente mudaria os resultados alcançados, uma vez que o próprio professor sabendo que estava sendo observado poderia redirecionar sua prática impossibilitando a coleta de dados.

Outra estratégia utilizada foi a aproximação com os alunos, sempre buscando estar tratando de temas informais para conseguir a aceitação e confiança deles. Com essa estratégia os alunos tratavam de futebol (o time do “fulano” perdeu ontem), dos conteúdos das aulas, de como era estudar numa área militar, entre outros assuntos, permitindo um trânsito sadio entre os envolvidos na pesquisa.

As observações foram realizadas de forma sistematizada a partir do número de aulas semanais que a professora de Educação Física tinha, assim, foram realizadas duas visitas em cada turma, o que equivaleu a duas semanas de coleta de dados através da observação. Como já fora dito, as observações foram realizadas em momentos de aula prática, devido a maior possibilidade de coletar dados durante a vivência do jogo e onde possivelmente o alunos estariam mais envolvidos com os temas abordados pela professora.

Antes das observações *in loco*, o pesquisador tornou ciente a professora sobre o roteiro de observação que constava de alguns itens que seriam os norteadores durante as observações. O primeiro item de observação tratou especificamente do comportamento dos alunos nas aulas de educação física e visou a observação de como os alunos interagem nas aulas, seja com a professora, seja com os outros alunos no ambiente da aula. A observação

desse item visou primeiramente identificar se o nível motivacional dos alunos nas aulas pode ser influenciado pelas relações que os alunos estabelecem entre si, seja por aceitação nos variados grupos que a aula converge, ou ainda pela relação que estabelecem com o professor. Essa relação com o professor é relevante na medida que ele se torna o maior facilitador da aprendizagem no contexto da sala de aula, por isso, as características docentes serão primordiais para que o relacionamento estabelecidos nas aulas decorram para um estado motivacional positivo ou caso contrário, negativo.

O segundo item proposto para observação tratou da relação/reação dos alunos ao se deparar com os conteúdos trabalhados nas aulas de educação na escola investigada. Esse item procurou coletar e analisar sobre a receptividade dos alunos aos temas da cultura corporal trazidos pela professora para a aula, e assim procurou desvelar a motivação dos alunos para o “eu quero participar”, “esse conteúdo me interessa ou não”, “não participo por que não gosto”, entre outros. Essa relação com o conteúdo das aulas é um dos pilares do processo ensino-aprendizagem e desvela as experiências anteriores dos alunos, o meio social e a significação que o conteúdo tem para cada indivíduo, por isso o conteúdo não poderá ser impositivo, sendo então essa relação conteúdo-aluno-professor, um importante item a ser investigado.

O último item da observação tratou da relação dos alunos com os espaços de aprendizagem, isto é, com os locais usados pelo professor como mediadores da aprendizagem, como por exemplo, a quadra, bem como outros espaços. Esse item seria um importante instrumento de análise uma vez que supostamente os níveis de motivação estariam ligados aos espaços adequados de aprendizagem, por isso a prática de atividades corporais em quadras mal conservadas, terrenos inadequados e materiais (estrutura de vestiários, por exemplo) sem condições sofreriam alterações na participação dos alunos e sentimento de pertencimento nas aulas.

## 2.4 - DO QUESTIONÁRIO APLICADO

O questionário é um instrumento de coleta de dados caracterizado pela possibilidade de alguém (alvo de uma pesquisa) responder com ou sem a presença do pesquisador um conjunto de perguntas/questões previamente estabelecidas.

O questionário realizado com os alunos focou dois aspectos importantíssimos que decorrem para a efetiva participação dos alunos nas aulas de educação física. Trata-se da motivação extrínseca e da motivação intrínseca. Nesse sentido como estratégia para a coleta de dados foi utilizado um modelo de questionário concebido pela professora Marília Kobal para avaliar o nível de motivação (extrínseca e intrínseca) dos alunos de uma escola no Estado de São Paulo e disponível no artigo “*Motivação intrínseca e Extrínseca nas aulas de Educação Física*”.

O questionário foi dividido em dois grupos de questões, sendo o primeiro grupo, inquirindo a motivação extrínseca, coletou dados que questionavam através de questões fechadas.

Primeiro grupo de questões e os itens inquiridos (motivação extrínseca):

- **Participo das aulas de educação Física por que:** faz parte do currículo da escola; estou com meus amigos; meu rendimento é melhor do que de meus colegas; preciso tirar boas notas;
- **Eu gosto das aulas de Educação Física quando:** esqueço das outras aulas; o professor e/ou meus colegas reconhecem minha atuação; sinto-me integrado ao grupo; minhas opiniões são aceitas; saio-me melhor que meus colegas;
- **Não gosto das aulas de Educação Física quando:** não me sinto integrado ao grupo; não simpatizo com o professor; o professor compara meu rendimento com o de outro colega; meus colegas zombam de minhas falhas; alguns colegas querem demonstrar

que são melhores do que eu; tira nota ou conceito baixo; minhas falhas fazem com que eu não pareça bom para o professor;

No segundo grupo, situaram-se questionamentos sobre a motivação intrínseca através de questões aspectos intrínsecos dos alunos.

Grupo de questionamentos sobre a motivação intrínseca:

- **Participo das aulas de Educação Física por que:** gosto de atividades físicas; as aulas de me dão prazer; gosto de aprender novas habilidades; acho importante aumentar meus conhecimentos sobre esportes e outros; sinto-me saudável com as aulas;
- **Eu gosto das aulas de Educação Física quando:** aprendo uma nova habilidade; dedico-me ao máximo a atividade; o que eu aprendo me faz me querer praticar mais; movimento o meu corpo;
- **Não gosto das aulas de Educação Física quando:** não sinto prazer nas atividades propostas; não consigo realizar bem as atividades; quase não tenho oportunidades de jogar; exercito pouco o meu corpo; não há tempo para praticar tudo o que eu gostaria.

Vale ressaltar que as alternativas de respostas tanto para os questionamentos em torno da motivação extrínseca quanto para a intrínseca tangeram fatores como currículo da escola, interação com os colegas, autoestima, senso de competência, atuação docente, integração ao grupo de alunos (turma), interação com o professor, conteúdos trabalhados, oportunidade e complexidade das práticas. Dessa forma para responder a cada indagação o aluno-sujeito da pesquisa deveria assinalar com X a(s) resposta(s) que achasse(m) mais adequada(s).

## **2.5 - AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA INSTITUIÇÃO**

De acordo com a portaria 022 de março de 2010 as escolas amapaenses (da rede estadual) foram obrigadas a ofertarem aulas no período normal em que os alunos estão na escola. Na instituição as aulas semanais ofertadas atingem o máximo de duas, sendo que comumente estas são divididas em uma aula teórica, em sala de aula e outra, prática, realizada no ginásio poliesportivo pertencente ao Exército. Para cada aula são destinados aproximadamente 50 minutos, ao passo que nas últimas observações mediante situações institucionais, as aulas estavam sendo reduzidas a 40 minutos, diminuindo a quantidade de horas voltadas à aprendizagem nesta disciplina.

## **2.6 - DESCRIÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA**

A escola Duque de Caxias é uma instituição educacional mantida pelo Governo do Amapá, situada no extremo norte do Estado e faz fronteira com Guiana Francesa. Atende atualmente aproximadamente 320 alunos, do ensino fundamental. A escola possui um professor de educação física que atende todas as turmas do 6º ao 9º ano (9 turmas). Quanto aos espaços para a educação física, a escola dispõe de uma área situada na parte inferior da mesma, composta por dois pequenos espaços insalubres onde as aulas eram realizadas até pouco tempo. Isso por que com a reforma realizada pelo Exército Brasileiro em seu Ginásio, foi cedido à escola o espaço para a realização das aulas, o que representou um salto substancial no atendimento dos alunos, se comparado aos anos anteriores. O ginásio possui estrutura elementar: quadra, arquibancadas e um pequeno banheiro.

A estrutura material para as aulas não é a melhor possível, pois a professora trabalha com material sucateado, fruto dos constantes atrasos nas verbas repassadas pelo Governo para manutenção da escola.

## 2.7 - TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES COLETADAS

O tratamento das informações de uma pesquisa é o momento em que o pesquisador analisa todas as informações e evidências que encontrou durante toda a pesquisa e as situa à luz dos pressupostos teóricos, alinhando-os às suas deduções. Antes de falarmos um pouco sobre como as informações coletadas serão tratadas e analisadas retomaremos brevemente os instrumentos da pesquisa de campo realizada: o questionário e a observação. O primeiro instrumento foi realizado a partir de questões-chaves que desvelam a motivação intrínseca (interna dos alunos) e da motivação extrínseca (externa aos alunos). Já o segundo instrumento, focou principalmente o tripé relacional professor-aluno-conteúdo/currículo.

No tocante ao questionário de questões fechadas foram realizados 6 blocos com questões. Os blocos de questões serão nomeados A, B, C relacionadas à motivação extrínseca e D, E e F para a motivação intrínseca. Na tabela 01 fica clara a identificação dos blocos de questões, bem como os itens a serem assinalados para cada questão:

**TABELA 01 – identificação dos blocos e itens de questões relativos a motivação extrínseca**

<b>BLOCOS</b>	<b>ITENS</b>
<b>BLOCO A</b>  <b>Participo das aulas de educação física por que:</b>	A1 - Faz parte do currículo da escola
	A2 - Estou com meus amigos
	A3 - Meu rendimento é melhor que de meus colegas
	A4 - Preciso tirar boas notas
<b>BLOCO B</b>	B1 - Esqueço das outras aulas

<b>Eu gosto das aulas de educação física quando:</b>	B2 - O professor e/ou meus colegas reconhecem minha atuação
	B3 - Sinto-me integrado do grupo
	B4 - Minhas opiniões são aceitas
	B5 - Saio-me melhor que meus colegas
<b>BLOCO C</b>  <b>Não gosto das aulas de educação física quando:</b>	C1 - Não me sinto integrado ao grupo
	C2 - Não simpatizo com o professor
	C3 - O professor compara meu rendimento com o do outro
	C4 - Meus colegas zombam de minhas falhas
	C5 - Alguns colegas querem demonstrar que são melhores do que eu
	C6 - Tira nota ou conceito baixo
	C7 - Minhas falhas fazem com que eu não pareça bom para o professor

**TABELA 02 – identificação dos blocos e itens de questões relativos à motivação intrínseca**

<b>BLOCO D</b>  <b>Participo das aulas de educação física por que:</b>	D1 - Gosto de atividades físicas
	D2 - As aulas me dão prazer
	D3 - Gosto de aprender novas habilidades
	D4 - Acho importante aumentar meus conhecimentos sobre os esportes e outros
	D5 - Sinto-me saudável com as aulas
<b>BLOCO E</b>	E1 - Aprendo uma nova habilidade

<b>Eu gosto das aulas de educação física quando:</b>	E2 - Dedico-me ao máximo a atividade
	E3 - O que eu aprendo me faz querer praticar mais
	E4 - Movimento o meu corpo
<b>BLOCO D</b>  <b>Não gosto das aulas de educação física quando:</b>	F1 - Não consigo realizar bem as atividades
	F2 - Não sinto prazer nas atividades propostas
	F3 - Quase não tenho oportunidade de jogar
	F4 - Exercito pouco o meu corpo
	F5 - Não há tempo para praticar tudo o que eu gostaria

FONTE: \*KOBAL, Marília. Motivação extrínseca e intrínseca nas aulas de Educação Física, 1996.

Os dados obtidos com o questionário acima serão organizados em gráficos onde constará o percentual de respostas de meninos e de meninas para cada item questionado. Cada bloco de questões será representado em um gráfico e haverá um comparativo entre as quatro turmas, bem como os percentuais.

No caso das observações, as evidências e dados coletados, como as falas dos alunos e as inferências do pesquisador serão relatadas e haverá uma relação entre as observações e o resultado do questionário e das observações realizadas.

## 2.8 - RESULTADOS OBTIDOS NOS QUESTIONÁRIOS

Motivação extrínseca – Bloco A

**TABELA 03** – Resultados do questionário relativos ao Bloco A



723

Questão	opção	F %	M %
A	A1		10
	A2	4	10
	A3		
	A4	38	38

822

Questão	Opção	F %	M %
A	A1		17,64
	A2		17,64
	A3		5,88
	A4	35,29	23,25

811

Questão	opção	F %	M %
A	A1	21	5,26
	A2	15,78	36,84
	A3		5,26
	A4	5,26	10,52

911

Questão	Opção	F %	M %
A	A1	25,80	6,45
	A2	22,58	16,12
	A3	3,22	
	A4	9,67	16,12

Motivação extrínseca – Bloco B

**TABELA 04** – Resultados do questionário relativos ao Bloco B

723

Questão	opção	F %	M %
B	B1	4,76	19
	B2	4,76	9,52
	B3	14,28	19
	B4	9,52	4,76
	B5	4,7	4,76

822

Questão	Opção	F %	M %
B	B1	17,64	17,64
	B2	11,76	23,52
	B3		11,76
	B4	5,88	11,7
	B5		

811

Questão	opção	F %	M %
B	B1	21,51	26,31
	B2	10,52	
	B3	5,26	26,31
	B4	5,26	5,26
	B5		

911

Questão	Opção	F %	M %
B	B1	19,35	12,90
	B2	16,12	3,22
	B3	16,12	9,67
	B4	12,9	9,67
	B5		

## Motivação extrínseca – Bloco C

**TABELA 05** – Resultados do questionário relativos ao Bloco C

723

Questão	opção	F %	M %
C	C1	4,76	9,52
	C2	4,76	4,76
	C3	4,76	
	C4		4,76
	C5	4,76	14,28
	C6	14,28	19,04
	C7	9,52	4,76

822

Questão	Opção	F %	M %
C	C1	11,76	11,76
	C2		5,88
	C3	5,88	
	C4	5,88	29,41
	C5	5,88	11,76
	C6		5,88
	C7	5,88	

811

Questão	opção	F %	M %
C	C1	21,05	5,26
	C2	5,26	
	C3		10,52
	C4		10,52
	C5	10,52	15,78
	C6		10,52
	C7	5,26	5,2

911

Questão	Opção	F %	M %
C	C1	12,9	
	C2		3,22
	C3	3,22	3,22
	C4	6,45	6,45
	C5	29,0	3,22
	C6	9,67	9,67
	C7	3,22	9,67

## Motivação Intrínseca – Bloco D

**TABELA 06** – Resultados do questionário relativos ao Bloco A

723

QUESTÃO	OPÇÃO	% F	%M
D	D1	9,52	19,04
	D2	4,76	
	D3		9,52
	D4	14,28	19,04
	D5	14,28	9,52

822

QUESTÃO	OPÇÃO	% F	%M
D	D1	10,52	31,57
	D2	5,2	5,2
	D3	5,2	10,52
	D4	10,52	10,52
	D5	10,52	

811

QUESTÃO	OPÇÃO	% F	%M
D	D1	5,88	35,29
	D2	5,88	5,88
	D3	11,76	11,76

911

QUESTÃO	OPÇÃO	% F	%M
D	D1	41,93	22,58
	D2		6,45
	D3		3,21

	D4	11,76	
	D5	5,88	5,88

	D4	12,9	
	D5	3,21	3,21

### Motivação Intrínseca – Bloco E

**TABELA 07** – Resultados do questionário relativos ao Bloco E

723

QUESTÃO	OPÇÃO	% F	%M
E	E1	14,28	38,09
	E2	4,76	4,76
	E3	9,52	4,76
	E4	9,52	14,28

822

QUESTÃO	OPÇÃO	% F	%M
E	E1		5,88
	E2		17,64
	E3	17,64	17,64
	E4	17,64	23,52

811

QUESTÃO	OPÇÃO	% F	%M
E	E1	21,05	26,31
	E2	5,26	5,26
	E3	10,52	21,05
	E4	5,26	5,26

911

QUESTÃO	OPÇÃO	% F	%M
E	E1	19,35	9,67
	E2	9,67	9,67
	E3	3,22	6,45
	E4	35,48	6,45

### Motivação Intrínseca – Bloco F

**TABELA 08** – Resultados do questionário relativos ao Bloco F

723

QUESTÃO	OPÇÃO	% F	%M
F	F1	5,92	14,28
	F2	4,76	4,76
	F3	4,76	
	F4	4,76	4,76
	F5	14,28	38,09

822

QUESTÃO	OPÇÃO	% F	%M
F	F1	5,88	17,64
	F2	5,88	11,76
	F3	11,76	11,76
	F4		11,76
	F5	11,76	11,76

811

QUESTÃO	OPÇÃO	% F	%M
F	F1	10,52	15,78
	F2	5,26	5,26
	F3	5,26	10,52
	F4	15,78	10,52
	F5	5,26	15,78

911

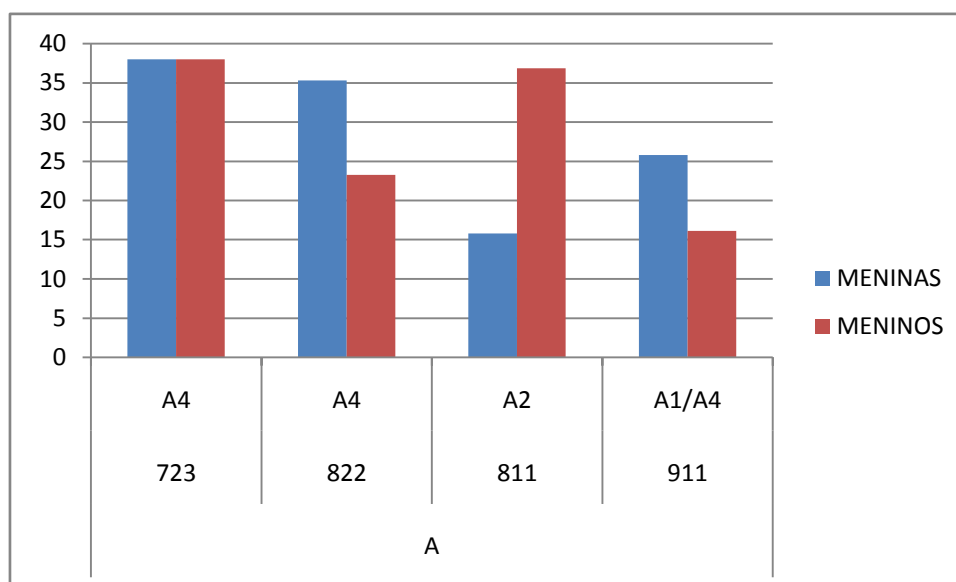
QUESTÃO	OPÇÃO	% F	%M
F	F1	6,45	9,67
	F2	6,45	6,45
	F3	29,03	9,67
	F4	6,45	3,22
	F5	12,9	9,67

### 3 – ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Os dados coletados estão neste capítulo analisados seguindo as legendas já reveladas no capítulo anterior, mas por hora será necessário citá-los novamente para possibilitar ao leitor melhor entendimento sobre o que foi coletado.

#### 2.1 – Motivação Extrínseca – Dados dos questionários

**GRÁFICO 1- MOTIVAÇÃO EXTRINSECA – COMPARATIVO DE RESPOSTAS DAS TURMAS EM PERCENTUAL – QUESTÃO A (A1, A2, A3 e A4)**

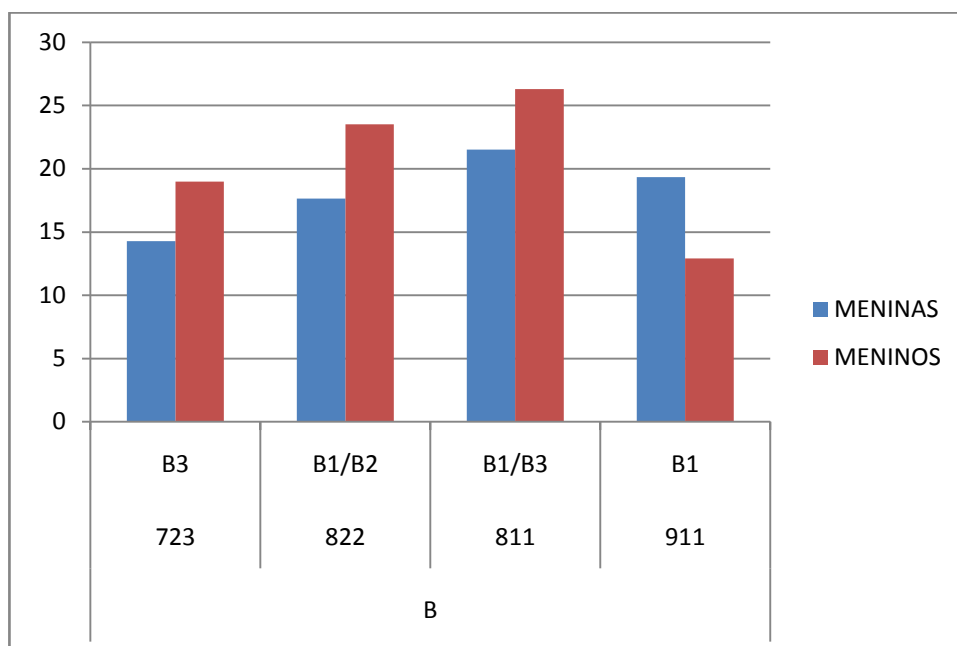


Como se pode observar no Gráfico 1 o maior percentual de respostas dos alunos aos questionamentos relativos à motivação a partir do índice “*participo das aulas de Educação Física por que*” foi justamente a que descreve a obrigatoriedade de curso desta disciplina no contexto escolar, expressa pelas respostas que pouco divergem entre meninos e meninas, isto é “*por que faz parte do currículo (A1)*” e por que “*preciso tirar boas notas (A4)*”. Veja que parece haver um consenso entre os indivíduos da turma 723, pois o percentual de respostas para os dois sexos foi de 38% para a questão A4, demonstrando que os indivíduos desta turma são motivados extrinsecamente para a obtenção de notas para passar no final do ano.

No caso da turma 822 a prevalência percebida da turma anterior ainda persiste apenas em menor proporção. Veja que segundo as respostas dos alunos, 35% da turma (grupo formado de meninas) são motivadas extrinsecamente pelas notas que podem obter na disciplina de Educação Física, ao passo que 23% da turma (meninos) idem. Por outro lado, quando questionados, os alunos da turma 811, disseram motivar-se extrinsecamente pela necessidade de “*estar juntos com os amigos (A2)*”, constituindo esse fator motivacional um importante aliado do professor no planejamento e execução de atividades. Assim para essa turma (811) conforme aponta o gráfico 1 parte das meninas, equivalente a 16% e parte dos meninos, equivalente a aproximadamente 36% da turma, responderam motivarem-se para as aulas de Educação Física na realidade local pela possibilidade de estarem com os colegas e interagirem com eles durante as aulas.

Os dados coletados com a turma de 9º ano (911) forneceram informações que os fazem inferir que a maioria dos alunos dessa turma acredita se sentir exteriormente motivada por dois fatores, isto é, a necessidade de estudar a Educação Física por ela fazer parte do currículo e por que os alunos precisam tirar boas notas para passar de ano. As respostas das meninas para o bloco de questões A (participo das aulas de Educação Física, por que) foi de 25% para o item A1, ao passo que os meninos responderam com mais veemência dois itens, A2 e A4, isto é, participam das aulas por estarem com os colegas e para passar de ano. Nos dados coletados com a turma vale a pena ressaltar que apesar da maioria das meninas considerarem o item A1 como motivação para as aulas, aproximadamente 22,5% também acreditam que a participação nas aulas decorre para a interação dos alunos com os amigos/colegas.

**GRÁFICO 2 - MOTIVAÇÃO EXTRÍNSECA – COMPARATIVO DE RESPOSTAS DAS TURMAS EM PERCENTUAL – QUESTÃO B (B1, B2, B3, B4 e B5)**



Os dados do **Gráfico 2**, descrevem os resultados alcançados com a turmas 723, 822, 811 e 911 e questionam o bloco B de questões (*eu gosto das aulas de educação Física quando*) da motivação extrínseca e cujas respostas foram divididas em 5 itens (B1 a B5). De acordo com os dados os itens mais relevantes assinalados pelos alunos quanto ao questionamento realizado (B) foram os itens B1, B2 e B3.

Os dados coletados na turma 723 revelam que houve uma resposta majoritária para meninos e para as meninas para o item B3 (*sinto-me integrado ao grupo*), isto é, aproximadamente 14% da turma composto por meninas e 19% da turma, composto por meninos disse se sentir motivado extrinsecamente quando se sente pertencente ao contexto da aula e ao grupo de alunos. Vale ressaltar que os itens B2 e B4 também tiveram número de respostas consideráveis revelando que os alunos também se sentem motivados quando a professor atua reconhecendo o desempenho dos alunos e quando ele (o professor) valoriza as respostas e opiniões dos mesmos.

Nos questionamentos realizados com a turma de oitavo ano (822) tanto meninos quanto meninas responderam majoritariamente quanto ao item B1 e B2. As meninas tiveram índice percentual de 18% nas respostas totais da turma e os meninos, 23,5%, totalizando aproximadamente a resposta de 41% da turma. As respostas das meninas tangeram ao item B1 e descreve frente ao questionamento realizado que elas acham que gostam das aulas de educação física quando “*esquecem das outras aulas*”. Nesse caso as aulas para as meninas (a maioria da turma) podem ser vistas como um “*subterfúgio*” ou ainda “*válvula de escape*” para o estresse provocado por outras disciplinas do currículo. Já os meninos, acham que se sentem motivados quando o professor reconhece a atuação dos mesmos durante e após as aulas, demonstrando que o professor tem um papel relevante, seja na criação de um ambiente propício para a realização de atividades no contexto da Educação Física, seja no papel que o reforço positivo exerce nesse contexto.

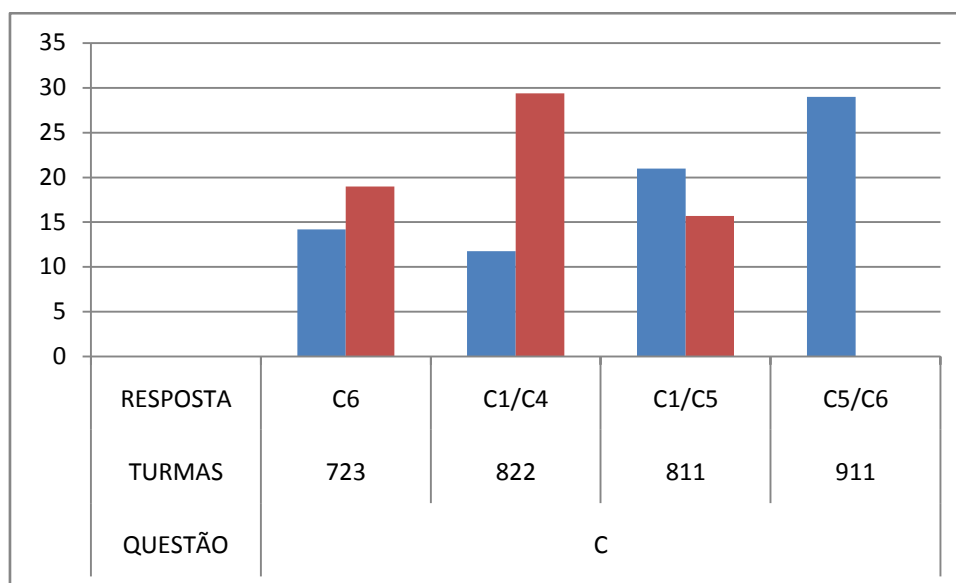
Vale ressaltar que entre os meninos da turma acima (822) dois outros itens tiveram respostas consideráveis, ficando respectivamente com índices de 11, 76% para os itens B3 (sinto-me integrado ao grupo) e B4 (minhas opiniões são aceitas).

Para dos dados coletados na turma 811, as respostas mais evidenciadas foram as que tangem os itens B1 (esqueço das outras aulas) e B3 (sinto-me integrado ao grupo), com 21% dos relatos das meninas e 27% dos relatos dos meninos. A resposta das meninas estão relacionadas ao item B1 e a dos meninos ao item B3, totalizando a maioria esmagadora da turma (48%), que atribuem aos dois fatores o gosto pelas aulas de educação física. Assim os alunos dessa turma disseram, em suma, que gostam das aulas de educação física quando ela é capaz de fazê-los esquecer das outras aulas e ainda quando pertencendo ao contexto da aula sentem-se integrados ao grupo.

Os dados coletados com a maior turma, a de 9º ano, desvelaram que houve um equilíbrio entre as respostas das meninas e as respostas dos meninos quanto ao questionamento B (*gosto das aulas de educação física quando*). Dessa forma tanto meninas quanto meninos escolheram o item **B1** (*esqueço das outras aulas*) como resposta mais adequada, sendo que da

totalidade das respostas, 19,3% foram de meninas e 12,9 foram de meninos. Apesar disso os dados coletados com a turma permitiram inferir que para as meninas houve um empate nas respostas para os itens B2 e B3 com 16,2%. Para essa turma o único item que não recebeu nenhum assinalado foi o B5 (saio-me melhor que meus colegas).

### GRÁFICO 3- COMPARATIVO ENTRE AS RESPOSTAS DAS TURMAS AO QUESTIONAMENTO C



Os dados acima remetem à coleta realizada com as turmas concernentes a questão **C** (Não gosto das aulas de Educação Física quando), cujas respostas são elencadas em 7 itens que vão de C1 a C7. Dessa forma com a realização do questionário, verificou-se que as respostas das quatro turmas variaram de uma para outra e se restringiram aos itens C1, C5 e C6.

Na turma 723, por exemplo, as respostas de meninos e meninas quando questionados quando não gostavam das aulas de Educação Física, prioritariamente elegeram a resposta C6 (tira nota zero ou conceito baixo), confirmando dos dados anteriores em relação a essa turma que a situam como motivada pela necessidade de cursar a disciplina para obter nota ou conceito. Dessa forma o percentual de respostas para a questão (C) foi de 14% para as alunas (coluna azul) e de 19% para os alunos do total questionado. É



importante ressaltar que o restante das respostas está distribuído nos demais questionamentos.

Para a turma 822, os dados apontam que duas respostas se sobressaíram às demais. Para 12% da turma (um grupo composto por meninas) o que faz com que eles não participem das aulas de educação está em quando não se sentem integrados ao grupo de colegas, apesar dessa resposta a coleta também permitiu evidenciar que um grupo de meninos também escolheu essa alternativa (C1) totalizando 24% da amostra da turma. Por outro lado a maioria esmagadora da amostra composta por 29% da turma (formado por um grupo composto por meninos) escolheu o item C4 como resposta. O C4 refere-se ao item em que a avaliação realizada pelos colegas sobre o desempenho dos alunos influi na motivação destes na vivência da educação física escolar (*meus colegas zombam de minhas falhas*).

Os dados coletados na turma 811 revelam também que 21% dos alunos da turma (grupo formado por meninas) acreditam que o motivo que as faz não gostar das aulas de Educação Física quando os alunos não se “*sentem integrados ao grupo*”. Por outro lado, 15% da turma (grupo formado por meninos) disseram não gostar das aulas quando os colegas demonstram ou querem demonstrar que são melhores, o que acaba decorrendo para a concentração nos espaços da aula e na vivência de alguns esportes, a predominância de ações de alguns em detrimentos de outros, ou seja, alguns “*jogam mais*” e outros “*jogam menos*”. Dessa forma respostas como as contidas nos itens C3, C4 e C6 aparecem com o mesmo percentual, principalmente entre os meninos, respectivamente 10%, totalizando aproximadamente 30% da amostra da turma. Os itens acima mencionados fornecem três respostas diferenciadas e relevantes para as discussões sobre a motivação extrínseca, pois mostram respostas como: *o professor compara o rendimento de um aluno com o de outro; os colegas zombam de minhas falhas e por último, tira nota ou conceito baixo*.

A última turma analisada sobre a questão C sob a ótica da motivação extrínseca foi a turma 911, considerada a maior turma e mais diversificada das quatro pesquisadas. Segundo os dados coletados o grupo da amostra formado

por meninas respondeu firmemente que não gostam das aulas de Educação Física quando alguns colegas querem demonstrar que são melhores do que outros. Essa parte da amostra da turma obteve o índice majoritário de 29% das respostas, ao passo que apenas com 9% de um grupo formado por meninos forneceu para o questionamento realizado a resposta de que, refutam as aulas quando tiram nota baixa ou não se dão bem nos conteúdos trabalhados. O restante das respostas foi distribuída entre os outros itens do bloco.

Como se pode perceber há muitos fatores que influenciam extrinsecamente a promoção e manutenção de um estado favorável da motivação positiva. A motivação extrínseca, como já foi discutida ao longo deste trabalho descreve os fatores externos aos indivíduos que decorrem para sua disponibilidade para participar das aulas de educação física. Nesse sentido, grosso modo, nas séries finais do ensino fundamental na escola onde foi realizada a pesquisa, coexistem fatores que fornecem evidências desse tipo de motivação e que podem servir de parâmetro para a intervenção docente.

Inicialmente é relevante reportar a fase dos alunos que estão nessa etapa escolar, isto é, o ensino fundamental, que vivem um período de modificações biopsicossociais e que acabam por determinar o relacionamento com o professor, com os colegas e com os conteúdos. Por esses motivos é necessário lançar um olhar sobre os fatores externos que possibilitam que os alunos participem das aulas. Quando os alunos durante a pesquisa dizem sentir-se motivados extrinsecamente pela necessidade de tirar boas notas e por que a educação física é uma disciplina obrigatória no currículo, não parece uma boa justificativa para legitimar essa disciplina no contexto escolar. Reside aí uma incongruência conforme aponta Martinek (2004) e Kobal (1996) em suas pesquisas, que a priorização de determinados conteúdos, massificados e sem compromisso com a realidade dos alunos acabam por afastá-los e tornar as aulas desinteressantes.

Outro fator igualmente relevante trata-se da necessidade de interação dos alunos entre si e isso se constitui como um dos fatores contributos à motivação nas aulas. Quando o professor em sua prática se abstém de construir um ambiente favorável, onde a resolução de problemas, onde o

diálogo sejam os grandes fomentadores da aprendizagem, as aulas se transformam em simples de momentos de “*cumprir tarefas*”. Essa socialização do conhecimento é extremamente relevante principalmente para os alunos que adentram na adolescência, o que culmina com os alunos de 9º ano, pois é nessa faixa etária que os laços sociais deles são construídos e há a necessidade de estarem em constante interação/diálogo com o grupo de colegas e de inserirem-se em um grupo.

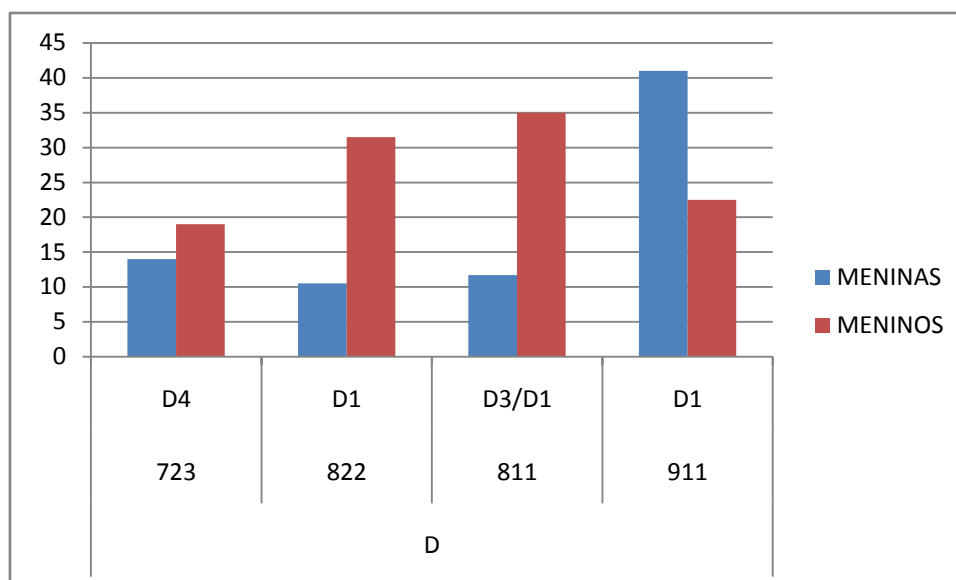
Os dados demonstram que níveis favoráveis de motivação decorrem além da necessidade de pertencer a um grupo, quando o professor fornece feedbacks positivos, valorizando a opinião e o desempenho dos alunos nas atividades. Nesse sentido, ao sentir-se competente ou ao menos reconhecendo a necessidade de superação de suas limitações, o aluno tende a praticar as atividades com maior segurança, pois a opinião construtiva dos professores tem muito a contribuir. Vale ressaltar que reconhecer as atuações discentes no contexto da aula ajuda a superar seus medos e tornar a aula permeada pelo diálogo, o que enriquece esse contexto em virtude das especificidades de cada indivíduo.

Por outro lado é imprescindível ressaltar que o avesso de tudo que foi elencado em relação à motivação extrínseca decorre para níveis negativos do senso de pertencimento, ou seja, a desmotivação ocorre e o gosto pelas aulas de Educação Física é comprometido quando: o desempenho dos alunos é considerado insuficiente pelo professor e pelos alunos (nesse contexto vale dar uma sugestão, ou seja, o professor deveria trabalhar conteúdos mais diversificados e que estimule o desafio, a aventura, o prazer, etc.; além disso, atividades puramente técnicas decorrem para minimizar as chances da turma superar suas limitações); quando as atividades não primam pela interação dos alunos de forma planejada que os leve a solucionar problemas, dialogarem entre si, construírem conceitos; quando o professor não estimula os alunos a superarem suas limitações; quando o princípio da individualidade não é levada em consideração e a turma é concebida como homogênea pelo professor.

## Motivação Intrínseca

A segunda parte do questionário fez alusão à motivação intrínseca, ou como é conhecida, a motivação interna. Esse tipo de motivação está relacionado ao estado interno do indivíduo e decorre dela a disponibilidade espontânea para a participação em determinada ação. Os dados coletados estão dispostos nos gráficos 4, 5 e 6 que serão comentados a partir de agora.

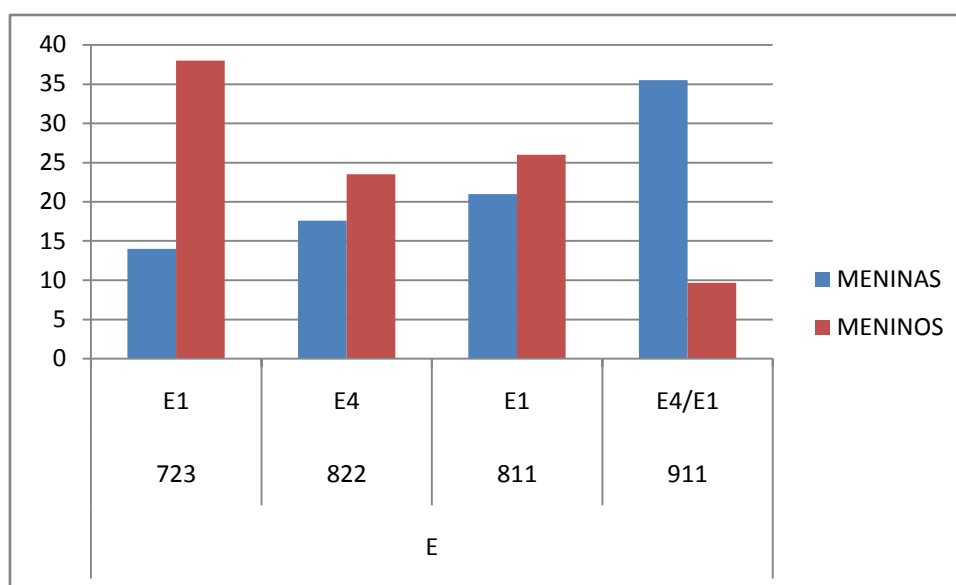
**GRÁFICO 4 – COMPARATIVO ENTRE AS TURMAS DAS RESPOSTAS RELACIONADAS À QUESTÃO D (%)**



Os dados coletados com as quatro turmas do ensino fundamental II evidenciaram um maior índice de respostas ao item D1. Este item trata do gosto intrínseco dos alunos pelas aulas de educação física, assim quando esse grupo de turmas foi questionado sobre por que participavam das aulas de educação física, responderam: na turma 723, houve uma resposta mais evidenciada, a D4 (*acho importante aumentar meu conhecimentos sobre os esportes e outros*) com 14% da turma respondidos por meninas e 19% pelos meninos; a unanimidade de resposta para um único item entre meninos e meninas também ocorreu na turma 822, onde 10% da turma (formado por meninas) e 31% da turma (formado por meninos) disseram participar das aulas

por que “gosto de atividades físicas”; na turma 811 12% da amostra da turma (formado por meninas) disseram participar das aulas de educação física pelo “*gosto de aprender novas habilidades*” e 35% da turma (formado por meninos) disseram ser motivados pelo “gosto de atividades físicas”. Por último, neste bloco de questões, com os dados coletados com a turma que apresentou entre todas o maior índice de respostas para um único item. De acordo com os dados coletados a turma 911, 62% dos alunos escolheram a opção D1, para o grupo de questões D, sendo que deste total da amostra, 40% foi de meninas e 22% de meninos, o restante ficou dividido entre os outros itens.

**GRÁFICO 5- COMPARATIVO ENTRE AS TURMAS DAS RESPOSTAS RELACIONADAS À QUESTÃO E (%)**

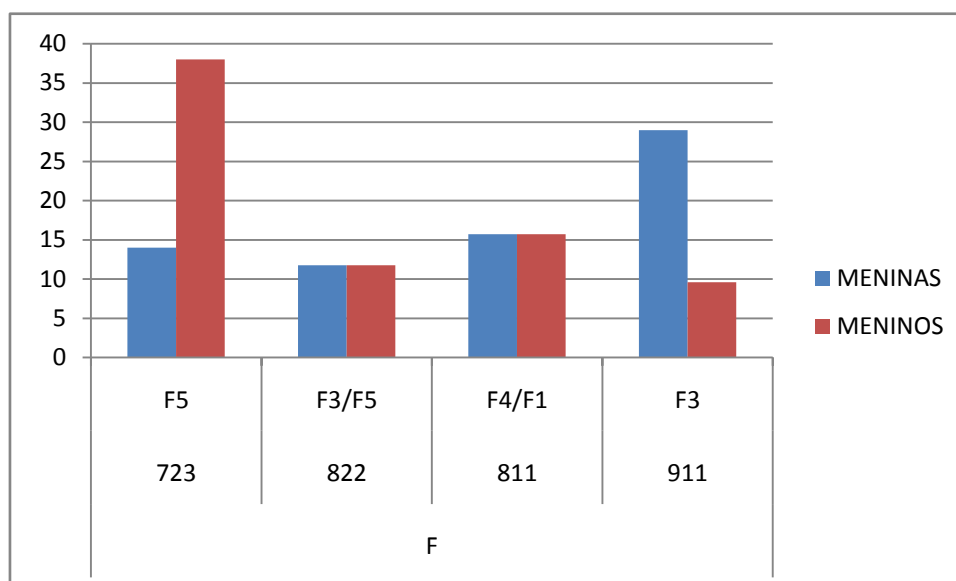


O gráfico 5 traz informações sobre o bloco de questões **E** (*eu gosto das aulas de educação físicas quando*) e as respostas de todas as turmas se concentraram em duas das quatro opções, E1 (aprendo uma nova habilidade) e E4 (movimento meu corpo). Na turma 723, por exemplo, o item E1 foi o mais assinalado, compreendendo 52% da turma, sendo 14% pelas meninas e 38% pelos meninos, mostrando que os alunos se sentem intrinsecamente motivados quando aprendem uma *nova* habilidade. Já os dados coletados com a turma 822 o equilíbrio entre os índices de respostas foi mais acirrado, pois o total de 41% da turma (17% das meninas e 24% dos meninos) disseram que gostam

das aulas de educação física quando “*movimentam o corpo*”. As respostas da turma 811 também aludiram de forma majoritária ao item E1 com um índice de 47% da turma, sendo que deste, 21% das respostas foi dada pelas meninas e 26% pelos meninos, mostrando um equilíbrio e fidedignidade de que realmente a motivação intrínseca para as aulas de educação física passam pela possibilidade de aprender novos conteúdos e o desenvolvimento de novas habilidades.

Os dados coletados com a turma 911 foram mais evidentes quanto ao item E4, pois ele foi assinalado por 35% da turma (meninas), sendo que 10% da turma (grupo de meninos) optou pelo item E1. Apesar disso houve um equilíbrio muito grande na respostas dos meninos nas 4 opções (itens) desse bloco de questões (E), sendo que para os meninos os dados demostraram a preferencia de: 10% para o item E1, 10% para o item E2 (dedico-me ao máximo à atividade) , 6,5% para o item E3 (o que eu aprendo me faz querer praticar ainda mais) e 6,5% para o item E4 (movimento o meu corpo).

**GRÁFICO 6 - COMPARATIVO ENTRE AS TURMAS DAS RESPOSTAS RELACIONADAS À QUESTÃO E (%)**



O gráfico 6 traz a análise sobre o grupo de questões **F** (*Não gosto das aulas de Educação Física, quando...*) e das opções de respostas **F1** (não consigo realizar bem as atividades) , **F2** (*não sinto prazer nas atividades propostas*), **F3** (*quase não tenho oportunidade de jogar*), **F4** (*exercito pouco o meu corpo*) e **F5** (*não há tempo para praticar tudo o que eu gostaria*).

As respostas das turmas para a questão **F** variaram entre os itens F1, F3, F4 e F5 e não houve nenhuma menção ao item F2, conforme disposto no gráfico 6. De acordo com os dados do gráfico, para 52% dos alunos da turma 723 (14% das meninas e 38% dos meninos) o tempo insuficiente para realizar tudo o que gostariam nas aulas de Educação Física é um dos fatores que os fazem não gostar da educação Física.

Para a turma 822, 12% da turma (meninas) acreditam que não gostam das aulas de educação física quando não tem oportunidade de jogar, ao passo que diferentemente das meninas os meninos disseram, com 12% da turma (meninos) que são os que mais jogam nas aulas, disseram que não gostam das aulas de educação física quando não há tempo para praticar tudo o que gostariam.

Parte das meninas da turma 811 (grupo equivalente a 15% da turma) responderam para o questionamento F o item F4 (quando não exercito o meu corpo), ao passo que igualmente 15% da amostra, formado por meninos responderam o item F1 (não consigo realizar bem as atividades) residindo aí o fator da autoestima e do senso de competências para as aulas de educação física.

Por outro lado, 37% dos alunos da turma 911 elegeram como respostas apenas o item F3, isto é, disseram que não gostam das aulas de educação física quando não tem oportunidade de jogar. O restante da turma dividiu as respostas entre os outros itens.

A motivação é conforme Kobal (1996, p.18) citando Bugelsky (1956) “*uma expressão que se refere a uma grande variedade de condições que alteram as relações estímulo-resposta*”, nesse caso essas condições são

internas, ou seja, intrínsecas. Dessa forma os gráficos D, E e F, trazem à tona alguns desses fatores que interferem na motivação.

Quando um aluno se predispõe a participar de uma atividade é possível contar com um nível satisfatório de motivação intrínseca que pode ou não perdurar de acordo com as condições para a realização e a interação com os sujeitos da aula. Com os dados coletados verificou-se que a motivação intrínseca dos alunos da escola pesquisada, reside na possibilidade dos alunos participarem das aulas para conhecer coisas novas, novos conteúdos e novas vivências. Com este item é necessário reconhecer que fornecer estímulos que levem os alunos a explorarem/vivenciarem novas habilidades, novas competências decorrem para deixar os alunos com expectativas sobre a aprendizagem e se motivarem intrinsecamente. Então pense na seguinte situação: os alunos que estão acostumados a apenas reiterarem práticas nas aulas possuem poucas expectativas quanto aos conteúdos, por outro lado, alunos de uma turma onde a ação docente imprime sempre a vivência de algo novo, um passeio com rapel em uma área da comunidade, por exemplo, ficam sempre na expectativa positiva, estando sempre dispostos.

Além disso, torna-se relevante dizer que as aulas tradicionais de educação física não abrem espaços para o diálogo, para a discussão, onde as soluções de problemas sejam construídas, pelo contrário, reiteram-se práticas massificadas que primam apenas pela execução técnica. Por esse motivo as aulas podem se tornar motivadoras e os indivíduos motivados quando o movimento é problematizado em práticas inovadoras e o aluno passa de um papel passivo para outro ativo, onde o aluno é sujeito e autor de sua aprendizagem, onde ele transforma e é transformado pelas circunstâncias da aula.

Os motivos que levam os alunos a não gostarem das aulas de educação física também passam pela autoestima quando da realização das atividades, quando o tempo destinado às aulas não é suficiente e principalmente quando os alunos não têm a oportunidade de jogar. Sobre este último motivo recai a grande responsabilidade da educação física, enquanto direito social adquirido, isto é, numa sociedade cujas leis (LDB e Constituição Federal) apontam para a



prerrogativa de acesso igualitário e democrático à educação, concretizada e legitimada pela escola, parece incongruente excluir os indivíduos das práticas corporais sejam por quaisquer naturezas, senão por dispensa legal. Assim exclui-se quando se prioriza apenas alguns conteúdos, que nem sempre são unânimes entre a turma, exclui-se pelo olhar intimidador de professores e colegas, exclui-se quando a educação física não é capaz de fazer com que os muitos alunos gordinhos, os inabilidosos, as meninas participem com autoria nas aulas, desvelando suas necessidades e aptidões.

### **3.1- AS OBSERVAÇÕES**

A coleta de dados através da observação nas quatro turmas permitiram inferir muitas informações sobre o processo ensino-aprendizagem em educação física, a relação do professor e seu papel como motivador nas aulas, bem como os conteúdos que decorrem para um estado motivacional favorável.

De acordo com as observações realizadas nas aulas com a turma 723 percebe-se que as aulas de educação física por si só representam momentos de desafogo, os alunos querem sair das salas de aulas e ter a possibilidade de irem à quadra, porém na maioria das vezes se recusam em participar das aulas. Como a turma é formada por muitos alunos repetentes e fora da idade escolar, as intervenções da professora parecem não fazerem sentido para os alunos, pois quando a aula na quadra não é o jogo com bola (queimada, futsal e handebol) os alunos não gostam, principalmente os meninos. No caso das meninas é comum ficarem pelas arquibancadas, algumas dizem que *“não participam das aulas por que não gostam de suar e depois voltarem para a sala de aula”*. Já os meninos dizem não gostarem de jogar quando outros colegas maiores lhes machucam ou quando eles geralmente não recebem a bola ou participam do jogo. Observou-se ainda que o professor costuma não fazer intervenções no sentido de modificar o comportamento dos alunos para a participação, muito menos quanto ao conteúdo, que se reiterou nas observações realizadas.

As observações realizadas nas aulas da turma 811 mostraram uma turma interessada em participar das aulas, nas orientações que a professora tinha a dar. Nas atividades realizadas pela professora, as meninas mostraram certa insegurança na realização do que era proposto e foram as meninas, as que menos participavam das atividades. Também foi possível perceber que as alunas não gostavam das atividades propostas e isso ficou claro quando o pesquisador perguntou às alunas por que elas não estavam participando das atividades e as respostas comumente permeou a afirmativa “*não gosto desse jogo, pois os meninos batem forte*”. Nas observações ficou evidente uma característica das aulas: enquanto alguns jogavam uma modalidade esportiva (uma espécie de handebol adaptado) outros alunos, os que não se interessaram pela prática proposta, no canto da quadra (sem a intervenção e atenção da professora) jogavam vôlei (três toques) e ainda outras meninas não se interessaram por nada e ficaram sentadas conversando.

Nessas aulas era comum o desinteresse de alguns alunos, pois demonstravam não ter habilidades para continuar no jogo com tantas reclamações dos colegas mais habilidosos. Dessa forma, as propostas com as admitidas pela docente acabavam por limitar as possibilidades de aprendizagem dos alunos e decorriam para a não participação de muitos e a participação insatisfatória de outros, pois a aula não contemplavam as características individuais dos alunos, pois uma das alunas que estava de fora da aulas disse não participar por que tinha problemas respiratórios. Outras colegas dessa aluna disseram não realizar a atividade em solidariedade a mesma. Isso nos leva a refletir sobre a necessidade de propostas pedagógicas mais comprometidas com os alunos, como forma de proporcionar o acesso democrático às práticas corporais, ou será que um aluno, com problemas respiratórios deve ser sumariamente excluído das aulas? Será que os alunos que não tem habilidade para jogar o futsal não conseguem realizar outras atividades que os faça se sentir mais ambientados com os colegas?

As observações realizadas na turma 911 (9º ano) demonstraram que os alunos dessa turma mostravam mais reticentes às aulas, mostravam-se interessados quando o conteúdo era interessante, quando envolvia o desafio e a possibilidade de estar junto com os demais colegas. Para tanto a realização

das atividades foram momentos de traçar estratégias para o sucesso no jogo (queimada). Porém quando o conteúdo não era interessante os alunos simplesmente demonstravam que não queriam participar. Dessa forma grupos eram formados por diversas partes da quadra e esses alunos não estava dispostos a participarem a não ser de conversar entre si, não se importando com as vivencias dos outros colegas na quadra de jogo. O jogo realizado pela professora nas aulas organizava os alunos de forma mista visando que todos participassem, apesar de não parecer suficiente, pois muitos alunos não participaram. Como a maior parte dos alunos não participantes era meninas, quando perguntado sobre os motivos que as fazia não participar das aulas, responderam que “<sup>1</sup>*não gostam de suar, pois o odor incomoda durante o transporte para a sede do município*”.

As observações realizadas com a turma 822 mostraram que nas aulas o maior envolvimento dos alunos decorriam da interação dos mesmos naquele ambiente (a quadra). Para os meninos a aula era interessante, pois o objeto que tanto gostavam estava presente, a bola, por isso eles se organizavam em quadra, dividiam as equipes, traçavam estratégias de ataque e defesa, mas sempre escolhiam os melhores para jogar, ao passo que os menos habilidosos e as meninas comumente eram deixados de lado e tinham de esperar a vez. Isso fazia com que alguns já se desinteressassem nesse momento e se mostravam chateados, criando até mesmo “*rixas*” com outros colegas. As meninas, por motivo de insegurança no jogo geralmente iam para as arquibancadas e de lá apenas observavam, quando algumas delas eram solicitadas pela professora para jogar, prontamente colocavam-se a disposição, permitindo compreender que faltavam oportunidades para que esses alunos (excluídos) pudessem jogar.

Nas observações realizadas com as quatro turmas pode-se perceber que o clima motivacional agradável e positivo para as aulas de educação física, decorre de um conjunto de ações, convergindo para diferentes sujeitos envolvidos na aula (professor e aluno), de forma que a todos sejam igualmente

---

<sup>1</sup> A escola fica localizada numa área afastada da sede do município e para o deslocamento dos alunos o transporte é realizado por ônibus.

possibilitados as vivências em torno do movimento. Não é de interesse deste trabalho desvirtuar o esporte como proposta pedagógica, mas mostrar que mesmo para a vivência do esporte na escola é necessário que todos sem exceção tenham a possibilidade de atuar e dele se beneficiar. Dessa forma, não questionamos as práticas reiteradas dos professores de educação Física em torno do esporte como conteúdo hegemônico, mas sim, que esse conteúdo possa ser um bem em que competências e habilidades sejam desenvolvidas por todos, caso contrário, as aulas estarão direcionadas a apenas um grupo e decorre daí a exclusão dos gordinhos, das meninas, dos “*pernas de pau*”.

Uma reflexão sobre as práticas docentes em torno da educação física nos leva a pensar sobre o fazer do professor quanto às atividades propostas nas aulas. Jogar queimada, futsal e outras práticas hegemônicas, deve receber na escola uma conotação que vai ao encontro das necessidades dos alunos, ao invés do simples jogo pelo jogo, ou do jogar para passar o tempo, pois com isso questionam-se os benefícios da atividade corporal e da forma como ela ocorre na escola. Esse discurso pode ser percebido nas palavras de Freire (2009, p. 74):

Uma coisa é o inquestionável benefício da atividade física para o desenvolvimento de uma criança; a outra é verificar como esse benefício ocorre dentro da escola. As atividades da escola não são exatamente as mesmas que as crianças fazem fora dela – as linguagens adquirem, então, as conotações específicas. E quanto à linguagem corporal, aquela que deve ser trabalhada em Educação Física? Se fosse apenas para repetir o que se faz sem a escola, de que serviria esta?

O olhar lançado sobre os dados coletados com os questionários e com as observações permitem desvelar que a educação física escolar ainda não conseguiu se desvencilhar das amarras do esportivismo e se tornar/consolidar realmente como uma disciplina importante na escola, pois se questiona a relevância da educação física, mas não da relevância da matemática para a formação do homem moderno, por quê?

As respostas poderiam ser aquelas dadas pelos alunos quando precisam motivar-se para atender a obrigatoriedade curricular (e tudo que é

obrigatório, parece um fardo) ou simplesmente a necessidade de cumprir uma disciplina que reprova; ou ainda por que os alunos nas aulas de educação física um “*estranho no ninho*”, pois além de serem excluídos pelos colegas pela falta de habilidade (ou por outro motivo), não podem contar com a ação do professor que está ali para ajudar a superar suas limitações; ou talvez se possa dizer que as respostas poderiam se dadas por que os alunos não tem a oportunidade de jogar, por que o tempo semanal para a disciplina seja insuficiente.

Conforme os dados, reside nessas aulas de educação física uma perspectiva de que a educação física pode ser uma disciplina relevante, quando contribuir para que os alunos realmente possam vivenciar o novo, quando os alunos realmente consigam realizar as práticas superando suas limitações, quando o professor se tornar o mediador e condutor de um processo que incentive a participação, pois percebeu-se que nas aulas, as intervenções para possibilitar que todos os alunos pudessem participar são mínimas, acirrando a exclusão e por consequência afetando a motivação para as aulas.

Vale ressaltar que a priorização de determinados conteúdos é prejudicial a participação nas aulas de educação física, pois não dá oportunidade dos alunos se identificarem nas variadas práticas corporais que compõem essa disciplina.

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A investigação na realidade escolar local possibilitou desvelar quais os fatores decorrem para um estado motivacional favorável para as aulas de educação física. Não se trata de elencar problemas identificados ou simplesmente eleger culpados, mas sim promover a reflexão e um vislumbre a uma ação coletiva que vise resgatar conteúdos significativos a serem vivenciados na escola bem como os possíveis fatores que podem contribuir para que os alunos participem de forma ativa, como coautores no processo ensino-aprendizagem.

De acordo com os dados coletados é possível perceber que há fatores intrínsecos e extrínsecos que decorrem para a promoção e manutenção de um estado motivacional positivo. Os fatores intrínsecos, isto é, os fatores internos que contribuem para a motivação nas aulas estão ligados principalmente ao gosto de praticar atividades físicas, a possibilidade e a expectativa de aprender novos conteúdos e novas habilidades, bem como aumentar os conhecimentos em torno do esporte e de outras práticas corporais. Reside nestes motivos algo relevante a ser tratado, quando o professor prioriza atividades reiteradas, hegemônicas que acabam por generalizar e homogeneizar os alunos ele acaba por contribuir para que os níveis de motivação intrínseca seja minimizado nos alunos, por isso o novo advindo de um processo de construção e criação de atividades no âmbito da aula, pelo professor ou pelos alunos, contribuem para que esses fatores estejam em voga nas aulas e sejam constantemente contemplados pela ação docente.

Por outro lado foi notório observar que os alunos não gostam de participar das aulas de educação física, ou melhor, os níveis de motivação interna são diminuídos quando não se sentem competentes suficientemente para as atividades propostas, quando são excluídos das atividades seja pelos colegas ou pelo professor ou quando o tempo pedagógico não corresponde às necessidades da clientela. Esses fatores aludem para a necessidade dos professores de educação física avaliar as práticas no contexto da aula, partindo dos níveis de desenvolvimento da turma, evitando generalizações, ou seja,

propondo atividades que estejam atreladas ao desenvolvimento motor, cognitivo e intelectual dos alunos de forma gradativa e contínua. Assim as aulas devem ser momentos em que os “gordinhos”, os “menos habilidosos”, as “meninas” tenham as mesmas possibilidades de participação e de acesso, evitando exclusões, que no caso da educação física (e de acordo com as observações realizadas) é percebido quando nas aulas, uns ficam pelos cantos, ou praticando uma atividade diferente daquela que a maioria está praticando.

Vale ressaltar ainda que um dos maiores desafios da educação física escola na realidade local seria justamente oportunizar que todos possam realmente participar de forma igualitária. Nas observações, atitudes dos alunos entre si realçam a necessidade de redirecionar as atividades físicas para todos, pois a seletividade parte dos alunos que excluem os colegas pela ausência de habilidades ou ainda a exclusão ocorre simplesmente dentro do jogo expressa pela neutralidade, ou seja, aqueles excluídos geralmente não pegam na bola e quando pegam logo são repreendidos pelos colegas mais habilidosos, como se o único resultado válido e pertinente ao jogo fosse a vitória sobre o outro.

Torna-se muito relevante também afirmar que nas observações realizadas e toda a dinâmica que envolve as aulas, o fato das escolas não possuírem espaços adequados como os vestiários e banheiros. Mas a que se deve essa suposição? Nas observações muitos alunos, do sexo masculino e com maior predominância do sexo feminino, não participam das aulas devido a escola não dispor de um vestiário onde possam trocar de roupas e tomar banho após as práticas. As prerrogativas dos alunos se justificam uma vez que a maioria mora na sede do município e precisam para se deslocar até a escola usar o transporte coletivo, assim, após as práticas os alunos sentem a necessidade de tomar banho. Isso foi relatado principalmente pelas meninas e se justifica devido aos apelidos recebidos devido ao odor nos ônibus após as atividades físicas, que podem decorrer para a timidez e inclusive para o bullying.

Outra informação muito relevante constatada refere-se ao tempo pedagógico dedicado às aulas de Educação Física, pois uma das questões

evidenciadas foi justamente que os alunos consideram serem necessárias mais aulas para dar conta de tantas necessidades. Uma das propostas que podem ser pensadas trata justamente da ampliação do tempo destinado às aulas, que muitas vezes se resume a uma aula prática semanal (de 50 minutos) e isso é, sem sombra de dúvida, um dos limitadores da educação física produzir efeitos significativos na escola investigada. Logicamente não se trata estritamente de ampliar o tempo pedagógico, mas igualmente redefinir conteúdos adequando-os às características da clientela e principalmente suas limitações e necessidades, quer sejam elas, afetivas, psicomotoras, sociais, etc.

Com isso valoriza-se o corpo vivido do aluno, fruto de suas aspirações, das experimentações admitidas pelo seu contexto social, daquilo que ele já sabe, dos jogos e das brincadeiras (vivências corporais) que fazem parte de sua comunidade e que são dotados de história e de construções sociais. Devem-se valorizar as manifestações étnicas dos alunos indígenas (ao menos problematizá-las nas aulas visando dissipar e romper com os preconceitos), conhecer as realidades dos alunos e suas necessidades (vale retornar ao capítulo I, sobre as teorias da motivação), pois assim a prática do professor será efetivamente mais comprometida com o que realmente é significativo.

Portanto as observações e os inquéritos realizados nos levam a inferir sobre necessidades, anseios, rupturas em relação ao processo ensino-aprendizagem na escola investigada em direção ao aprender/ensinar contextualizado e realmente pautado no acesso de todos ao objeto da educação física: a vivência do movimento com vistas a ampliar os conteúdos da cultura corporal e promover um estado motivacional intrínseco e extrínseco favorável que permita todos participarem indistintamente, cuja ação pedagógica seja capaz de produzir efeitos na autoestima dos alunos, no senso de competência, onde não haja exclusão de espécie nenhuma, onde meninos e meninas interajam sem preconceito, onde a educação física seu papel como prática escolar, isto é, promover o acesso e a permanência dos sujeitos.



## 5- REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física**. Cadernos Cedes, ano XIX, número 48, 1999.

ARAÚJO. Silvan Silva et al. **Motivação nas aulas de Educação Física: um estudo comparativo entre gêneros**. Revista eletrônica EFDEPORTS, Bueno Aires, 2008.

ARROYO, Miguel G. in: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte, UFMG, 1996.

BATISTA, Martinho; GOUVEIA, Carla. **Teorias sobre a Motivação: Teorias de Conteúdo**. Instituto Politécnico de Coimbra, 2007.

BIDUTTE, Luciana de Castro. **Motivação nas aulas de educação física em uma escola particular**. Revista Escolar Educacional, V. 2, nº 2, Campinas 2001.

BRASIL. **Parâmetro Curriculares Nacionais**. Educação Física. DP&A, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares nacionais**. Educação Física, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares nacionais**. Educação Física, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. Editora Cortez, São Paulo, 2009.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e prática da Educação Física**. Editora Scipione, 2010.

SCAGLIA, Alcides José; FREIRE, João Batista. **Educação como Prática Corporal**. Editora Scipione, 2010.

GONÇALVES, Nezilda Leci Godoy. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. IBPEX, Curitiba, 2006.

GOODE, W.J.; HATT, P.K. **Método em Pesquisa Social**. São Paulo: Nacional, 1979.

KOBAL, M.C. **Motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de educação física**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Campinas, UNICAMP, 1996.

MARTINEK, Adriano. **A motivação de adolescentes nas aulas de educação física**. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Brasília, DF, 2004.

RODRIGUES, Willians Costa. **Metodologia Científica**. FAETEC/IST. Paracambi, 2007.

SAMPAIO, Juarez Oliveira; SANTOS, Luiz César dos. **Práticas Curriculares I**. Universidade de Brasília. Curso de Educação Física à Distância. Módulo II, 2008.

VIEIRA, Leocrécia Aparecida. **A Pesquisa em Educação: Organização do Trabalho Científico**, IBPEX, 2005.

## Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA  
CURSO: EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PÓLO: MACAPÁ-UNIFAP (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ)**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE  
PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o documento de consentimento de sua participação, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Pólo UNIFAP-MACAPÁ do Programa Pró-Licenciatura da Universidade de Brasília pelo telefone (096) \_\_\_\_-\_\_\_\_.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

**Título do Projeto:** A motivação como fator interferente nas aulas de Educação Física: Recorte de uma realidade Norte Amapaense.

**Responsável:** Kétsia Rosana Costa Vaz

**Descrição da pesquisa:**

A pesquisa com o título supracitado pretende o levantamento e a análise de dados a partir da realidade local a respeito da motivação dos alunos nas aulas de Educação Física, buscando ainda construir conhecimentos que possam orientar professores e acadêmicos de Educação Física para a reflexão e ação. Dessa forma serão coletados dados juntos aos alunos através um questionário com questões fechadas, que viabilize responder questões como: qual a interferência da motivação/desmotivação para o contexto das aulas? Que fatores incidem diretamente sobre a motivação dos alunos na escola? Que relação há entre a realidade local e as pesquisas e produção científica a respeito do assunto?

### Observações importantes:

A pesquisa não envolve riscos à saúde, integridade física ou moral daquele que será sujeito da pesquisa. Não será fornecido nenhum auxílio financeiro, por parte dos pesquisadores, seja para transporte ou gastos de qualquer outra natureza. A coleta de dados deverá ser autorizada e poderá ser acompanhada por terceiros. O resultado obtido com os dados coletados, bem como possíveis imagens, serão sistematizados e posteriormente divulgado na forma de um texto monográfico, que será apresentado em sessão pública de avaliação disponibilizado para consulta através da Biblioteca Digital de Monografias da UnB.


### TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu, **LUCIMA DE SOUZA WALDEMAR SALES**, RG **214019** – 2ª via, CPF **433.092.832-91**, abaixo assinado, autorizo a utilização para fins acadêmico científicos do conteúdo do (teste, questionário, entrevista concedida e imagens registradas – o que for o caso) para a pesquisa: **A motivação como Fator Interferente nas aulas de Educação Física: Recorte de uma realidade Norte-Amapaense.**

Fui devidamente esclarecido pelo (a) aluno(a): **ELIEL CLEBERSON DA SILVA NERY** sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os seus objetivos e finalidades. Foi-me garantido que poderei desistir de participar em qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade. Também fui informado que os dados coletados durante a pesquisa, e também imagens, serão divulgados para fins acadêmicos e científicos, através de Trabalho Monográfico que será apresentado em sessão pública de avaliação e posteriormente disponibilizado para consulta através da Biblioteca Digital de Monografias da UnB.

Clevelândia do norte, Oiapoque, 02 de maio de 2012.

Nome e Assinatura

  
**Lucima de Souza W. Sales**  
**Decreto nº 1578/2011**  
**Diretora**

